

Порт/П
G178



Galos bordadas

contos ucranianos

G A L O S B O R D A D O S

Diagramação: CILEIDA DE CAMPOS FERNANDES

**Companhia Brasileira de Artes Gráficas
Rio de Janeiro, GB — 1972**

GALOS BORDADOS

Contos Ucranianos

Tradução: **WIRA SELANSKI**

Colaboração: **ANNA MARIA MURICY**

CLEONICE BERARDINELLI

HELENA E. FERNANDES

O segundo volume dos CONTOS UCRANIANOS, que Wira Selanski traduziu com a colaboração de Anna Maria Muricy, Cleonice Berardinelli e Helena Fernandes, reafirma o poder de uma ficção que se universaliza no círculo mesmo da apreensão regional. Há uma base comum que, apesar de todas as diferenciações estilísticas, une esses ucranianos numa espécie de irremovível agrupamento literário. E essa base é a Ucrânia mesma em paisagem e povo. A leitura, quando a fazemos — assim presos às personagens e aos episódios —, logo demonstra que inevitável é o encontro com esses escritores que, aparentemente tão longes, tão pertos estão dos nossos problemas humanos.

Percebe-se, evidentemente, e no fundo do que possa ser o realismo na extroversão — a área documentária no sentido dos costumes, das lendas e do comportamento social —, percebe-se certa percepção psicológica que se responsabiliza pela imensa humanização desses contistas da Ucrânia. O exemplo não viria de um apenas, e digamos Yewghén Ghútsalo, mas de todos eles, sem exceção. O interesse psicológico, que toma as crises e os conflitos para mostrá-los numa surpreendente variação de sondagens, é realmente flagrante. Mas, e precisamente porque há criaturas, nos planos da consciência e da ação, é que se torna possível falar de vida.

Vida, efetivamente, vida a nu é o que transborda em todos os contos. A vida irrompe, dentro ou fora do cotidiano, drama ou comédia, mas irrompe de tal modo, a refletir uma realidade, que nos leva a participar como se entre as personagens estivéssemos. Posso dizer, pois, que vivemos nova experiência de vida em consequência mesmo desse excesso de vida. E o melhor elogio a fazer-se aos contistas da Ucrânia é declarar, em conclusão, que apesar da veracidade sempre documentária, a legitimidade literária não se deforma.

ADONIAS FILHO

EAGHOR KOSTETZKY (1913)

Nasceu em Kiev, filho de um professor de canto. Estudou teatrologia em Leningrado e Moscou, praticando num teatro do Ural. Iniciou a publicação de suas obras durante a Segunda Guerra Mundial. É casado com a poetisa alemã Elisabeth Kottmeier e vive no Sul da Alemanha Ocidental, chefiando uma das melhores editoras ucranianas no exterior, "Na Montanha". É redator chefe da revista cultural A UCRÂNIA E O MUNDO, ocupa-se de crítica literária (ensaios sobre Tagore, Pasternak, Maeterlinck, Hauptmann, Ghandi, Korolenko e outros), de tradução (Shakespeare, Novalis, Eliot, Pound e outros), tendo sido o redator de nova tradução da Bíblia para o idioma ucraniano (Roma, 1963).

Obras originais: CONTOS SOBRE OS VENCEDORES (1946), LÁ ONDE PRINCIPIA O MILAGRE (1948) TEATRO EM SUA SOLEIRA (1963), ANTOLOGIA, dedicada aos 50 anos do escritor (1963-64).

Como escritor original, Eaghor Kostetzky é um modernista moderado, que não só mantém o equilíbrio entre o tradicional e os rumos vanguardistas, como cultiva a pureza da língua e a disciplina formal.

VALERY E AS MANCHAS BRANCAS

Eaghor Kostetzky

Valery Chylo voltou para casa de dia. Estava cansado. Tendo passado por quatro restaurantes, continuava com fome.

Com prazer se teria deitado na cama, mas no quarto fazia um frio medonho. Valery hesitou um instante. Afinal deitou-se, cobrindo-se com um casaco. O calor interno começou a esquentá-lo.

Quando ficou aquecido, olhou para o chão. Reparou nas manchas do sabão barrento, com o qual se lavara pela manhã. Ainda ao entrar no quarto, ele as percebera, estas manchas brancas, semelhantes a gesso, mas fez de conta que não as vira. Então ele, com bastante leviandade, tinha passado por cima delas, mas agora elas lhe penetravam nos olhos.

Valery estava deitado na cama. Jazia e maldizia as manchas, pois não sentia de maneira nenhuma vontade de se levantar. Em torno do corpo encolhido, o casaco fazia um casulo de calor, era doce

estar deitado a sonhar. Forçou-se a pensar sobre a piora da qualidade dos produtos. Tratava-se da produção dos artigos mais necessários, em tempo de guerra. Queria, então, passar para um outro tema. Mas as manchas de sabão cravejavam-se como pregos em sua nuca.

Praguejava, não queria se levantar. Esteve deitado por muito tempo, infinitamente. Começou a dormir. De repente, rangeu os dentes e pulou da cama.

Sua respiração parou de surpresa, o coração palpitou. Ficou um momento de pé, arfando. Sem deixar de ofegar, foi meter a mão na gaveta da cômoda. Por muito tempo não pôde encontrar o trapo, xingava anelante.

Limpava cada mancha no linóleo com cuidado, cada uma parecia ter penetrado no chão. Queria, ansiosamente, terminar com isso o mais depressa possível, porém movia a mão devagar, propositamente devagar.

Depois de ter feito a limpeza, Valery tornou a deitar-se. Não pegava mais no sono, mas, deitado de baixo do casaco, sentia um contentamento sereno e louco, duplo contentamento. Aos poucos a loucura ia desaparecendo do espírito, deixando só o equilíbrio recuperado.

WIRA WOWK (1926)

Nasceu na Galícia. Estudou na Universidade de Tübinga (Alemanha) e doutorou-se no Rio de Janeiro em Letras Germânicas. É professora de Literatura Comparada, na Faculdade de Santa Úrsula, E.G.

Publicou um drama, O SANTO RIDÍCULO (1968) e vários volumes de poesias: ELEGIAS (1956), ACÁCIAS NEGRAS (1961), CARTAS DE AMOR DA PRINCESA VERÔNICA AO CARDEAL GIOVANNIBATTISTA (1967), K — CRUCIS (1969) e outros. Em Português apareceu a antologia RELÓGIO SOLAR (1964). De prosa, foram publicados os romances "ESPÍRITOS E DERVICHES (1956) e VITRAIS (1961), além de pequenos volumes de contos de fada (1956) e de lendas sacras (1955). O último foi traduzido para o Português sob o título de LENDAS UCRA- NIANAS (1959).

O MILAGRE DA NEVE

Wira Wowk

Jesus Cristo desce todos os anos à terra sob a aparência de uma pobre criança. Naquele ano, o pequeno Jesus nasceu na favela sobre um morro, preto como carvão e ainda com cabelos tão fininhos e enroscados como gavinhas de ervilha. Nossa Senhora Aparecida vestiu-o numa camisa listrada e disse:

— Vá à cidade, lá estão preparando sua festa, pois aqui só tem mesmo pobreza. Não tenho mais leite nos peitos para você.

Ela viu entre piteiras e pedras reluzir seu pequeno corpo enquanto ele corria, os pés atirando para cima os calcanhares como pequenas bolas brancas. Era tarde. O sol ardia como a lava de um vulcão atrás de um monte cônico. Nos jardins as mangueiras exalavam o perfume das frutas maduras.

A preta velha Filomena equilibrava na cabeça uma grande lata d'água. Carregava-a como uma

reliquia em procissão até seu barracão, parecido com um pombal, na pedra íngreme.

— É assim, meu filho. Água é que não tem. Só quando cai chuva de noite e nos molha até os ossos. É duro lavar essa roupa toda para gente fina, quando estão faltando arroz e feijão...

Atirou-lhe um pedaço de jaca muito madura que ele apanhou no ar como uma cotia agil. A jaca fê-lo lembrar que estava com muita fome, pois neste ano ele viera ao mundo como um negrinho nu.

Na rua cheia e movimentada vendiam nas barracas mangas rosadas. Jesus escolheu a mais bela e nela afundou seus pequenos dentes brancos. De repente, sobre as costas do menino choveram pancadas de punhos cerrados:

— Espera, seu ladrão! Vou te mostrar como roubar as minhas mangas!

A fruta rolou pelo chão, os olhos de Jesus, sem querer, se encheram de lágrimas. Logo se formou um ajuntamento.

— Então vocês não me reconheceram?

— Como não! É um anjinho de cara suja, lá da favela, que aprendeu a roubar mangas conosco, — riu-se um negro beberrão.

— Eu não roubei, eu não posso roubar. Elas são todas minhas, as mangas de todas as terras. E os figos dos jardins de Jericó. E as uvas nos morros de Judá. Vocês não entendem nada!

— Viram? Todas as mangas são dele. E com que você vai pagar elas, capetinha lambuzado?

— Não brigue com o garoto. Toma aqui por tua manga, seu pão duro! — e Joaquim, o men-

digo coxo, botou uma moeda em cima da tábua da barraca. Agradecido, Jesus olhou nos seus olhos enturvados.

— Vem comigo, — disse Joaquim e cambaleou para diante.

Eles passaram pela feira com seus barulhentos vendedores de caranguejos na rua estreita e abafada. Das janelas atiravam tudo o que os moradores não precisavam mais: carteiras de cigarros vazias, cascas de laranja, restos de comida para os gatos vadios, cujos olhos divididos pelas pupilas luziam nos escuros cantos empoeirados.

— Você tem um rostinho tão inocente, hê, hê! Precisa aprender ainda a ser mais esperto, para não apanhar depois, isso é que é.

Os paralelepípedos em brasa ardiavam nas plantas dos seus pés. Dos corpos escuros o suor recendia a canções, doces e muito maduras, como jacas.

— Sabe, menino, seu rostinho faz pensar em coisas boas, misericórdia. Eu penso e torno a pensar se eu não devia mudar meu jeito de viver.

Jesus olhou-o esperançoso.

— Não acha que um mendigo coxo ganha muito pouco? Se fosse cego, seria bem melhor. Um ceguinho, ainda com um guia, um menininho esfarrapado como você, podia ganhar pra pensão de velhice. Conheceu aquele Benedito, o corcunda? Ele morreu aqui perto, um carro passou pelo meio do peito dele. E quando o levantaram, então choveu dinheiro, que nem de um saco. É que a corcunda não era corcunda e sim um cofre escondido. Bem pensado, hê, hê! Do cego todo o mundo tem pena, como de um bêbado. É por causa disso que eu bebo. Não

importa embaixo de que parede a gente vai cair. O que é preciso é que o chapéu caia com o fundo para cima. Quando acordo, ele já está quase cheio de moedinhas. As almas caridosas... É verdade, menino, verdade santa. Hê, onde está você?

Mas Jesus já tinha ido embora. Ele foi em frente, lá onde brilhava, com luz fosforescente, a porta da igreja.

— Ainda bem que estou perto da minha casa, — disse ele com lábios cansados.

Na igreja havia tanta gente que a porta nem se fechava. Jesus quis chegar até o altar, mas não o deixaram.

— Aonde vai você se espremendo? Fique quieto aqui.

O altar estava longe demais. Com dificuldade penetrou ele até o púlpito. O povo ficou pasmado quando no meio da solenidade apareceu em cima um rostinho negro. Levantando os olhos, ele disse:

— Eu sou a luz do mundo.

Ouviu-se um riso abafado.

— É bem escurinha essa luz, — comentou alguém à meia voz. O povo pegou estas palavras, e a igreja foi se enchendo de piadas e gracejos. Um homem piedoso puxava Jesus pelos trapos para baixo.

— Não acreditam? Eu... eu vou fazer um milagre. Vejam, está caindo neve lá fora!

Alguém deu de ombros, outro teve pena da criança doida, mas lá de fora, de repente, veio vindo uma inquietação e uma onda de frio rolou pela igreja a dentro.

— Está nevando! Vejam, neve caindo numa cidade tropical!

Esquecendo-se da Missa, correram todos para fora, empurrando-se uns aos outros, para mais depressa ver o estranho espetáculo.

— Isso é em consequência das bombas atômicas e terremotos! O clima está sofrendo uma translação! Tal como nas eras glaciais! — explicou um professor de meteorologia.

A igreja ficou vazia. No púlpito permaneceu Jesus sozinho.

— Eles não querem crer em mim. Vale a pena nascer sempre de novo? Que os anjos façam das suas mãos uma cadeirinha e me levem de volta para o céu, — pensou ele com tristeza.

Desceu a pomba. E uma voz soou:

— Seria pesado demais para eles. Suporta, Filho querido.

TURANDOT

Wira Wowk

Turandot saiu a passear pela muralha. Ventara muito, e o vento levara até ao estreito caminho entre os meandros do parapeito e as torres de vigia algumas folhas caprichosamente recortadas. Ela as conhecia desde criança e, cada outono, quando começavam a colorir-se de todos os matizes entre o verde-limão e o roxo, guardava as mais belas entre as páginas dos livros com capas de couro e nos albuns de música. Naquele dia não havia saído ainda; ficara remexendo em velhas cartas e limpando gavetas. Gostava de ocupar-se, sozinha, com a ordem do seu reino entre o mundo e as estrelas; o castelo fora construído por seus ancestrais numa rocha inacessível. Turandot amava cada objeto que possuía, pois adquirira seus tesouros cuidadosamente, escolhendo-os entre muitos. Aliás, não tolerava amontoados; os quadros, as estatuetas, os tapetes denunciavam um gosto sóbrio: eram poucos, mas combinavam nas cores e no estilo, dando ao ambiente uma beleza quase austera. Tudo o que era

seu, mesmo o dedal e a tesourinha de unhas, tinham uma história, anotada pelos escribas nos anais e estudada pelos doutores da academia.

O dia estivera quente antes da ventania, as flores tinham um perfume murcho, misturando-se ao odor de cemitério. A princesa franziu as sobrancelhas: seriam as cabeças embalsamadas dos cavaleiros, enfileiradas sobre as lanças no cume de cada torre da muralha? Pois ela dissera aos médicos para enchê-las de balsâmina, rosmaninho e camomila; mas talvez tivesse sido esquecida qualquer erva mais poderosa.

Fez uma reverência diante do cavaleiro que perdera para ela na partida de xadrez. Era tolo: fitara-a com um olhar cheio de intenções, fazendo-se valer das terras que possuía e de familiares poderosos. Nem sequer prestara atenção ao jogo. Quando fora levada ao lugar da execução e o carrasco de capuz escarlata erguera o machado, ele ainda não se dera conta de sua situação, murmurando sem cessar: "Pobre de Turandot, se não se casar comigo"... E a cabeça decapitada conservou um grande espanto impresso na face.

O segundo cavaleiro merecia uma genuflexão, pois que na vida se parecera com a figura gótica de um evangelista. Quando pela primeira vez chegara ao castelo, fizera uma verdadeira roda de pavão para ser bem visto e apreciado pelas damas da corte. Estas acharam belos os seus olhos na alongada face morena, reluzindo como águas-marinhas. Tinha gestos finos, sabia falar vários idiomas e queria Turandot como um adjetivo a seu nome. Como era vaidoso! Turandot admitia que a vaidade lhe fica-

va bem. Era como uma parte do seu corpo. Pretendia ganhá-la sem perder nada, como se ela fosse apenas um continente a conquistar! Evidentemente, considerava-a perdidamente apaixonada, sem se dar conta do rigoroso exame no qual fora reprovado.

Turandot suspirou: era sempre assim. Os homens não aprendiam nada com os exemplos que a vida trazia. A experiência alheia não se transmite.

Presenteou o terceiro cavaleiro com um sorriso divertido. Era um rapagão um tanto rústico, que entrava no salão com botas empoeiradas, deixando as marcas de seus passos nos tapetes, comendo e falando ruidosamente, contando anedotas gastas e sendo o único a divertir-se com elas no meio de um silêncio embaraçoso. Folheava seus livros umedecendo os dedos com saliva, discutia assuntos de que não entendia, pelo simples prazer de ouvir sua voz sonora, sempre contente e positivo, sem desconfiar da diferença abismal que os separava. Tinha-lhe uma pena quase maternal, mas afinal — não podia, sem maiores explicações, modificar as leis de seu governo. Isto resultaria, possivelmente, numa revolução, num temível regime democrático. O povo nunca sabe o que quer, precisa de um ídolo, para ser docilmente conduzido. De outra forma, o povo é um monstro de mil cabeças, especialmente quando os membros dos partidos inimigos aproveitam um oportuno momento de fraqueza. Turandot era o ídolo; o rapagão, portanto, uma vítima necessária, que ela bem teria preferido enviar de volta para seu condado provinciano.

Com o quarto cavaleiro houvera uma complicação: ele nem sequer esperara a execução e sui-

cidara-se diante da janela da princesa, caindo sobre um gládio. Percebeu, então, que ele fora um artista nato e que, naquele instante, estava a representar Jacinto. Poderia ser postumamente decapitado e juntado aos outros, ou um tal gesto ofenderia qualquer parágrafo da constituição? Como o caso não fora previsto com bastante antecedência, resolveu-se tudo com uma justa emenda constitucional que lhe concedia todas as honrarias dadas aos precedentes.

Lá estava também enfiada a cabeça de um certo paladino cheio de ambições fantásticas, com programas de reformas minuciosamente elaborados e planos de estupendos aperfeiçoamentos e invenções monopolizadas, que poderiam trazer ao reino lucros magníficos; no entanto o paladino não soubera realizar seus propósitos e ainda ousara atacar a soberana, pondo sobre ela a responsabilidade de seus projetos malogrados.

Turandot cansou-se. Do jardim, afetuosamente, subia o aroma das ervas murchas. Parecia querer voltar aquela tarde quente, apesar das estrelas se acenderem e piscarem ironicamente, iluminando todas aquelas cabeças enfiadas nas pontas das lanças no alto das torres, assemelhando-se, agora, a pálidas flores lunares. Uma solidão imensa descia dos céus. A noite parecia um rio a derramar-se sobre ela. Turandot parou, escutando atentamente. Um silêncio quase hermético a envolveu. Olhou as janelas dos seus aposentos não iluminados. Havia um segredo fechado com sete selos em sua alma: um dia esperava ouvir, vindo lá de dentro, risos de crianças.

Afinal, para quem governava ela seu perfeito reino? Pensou: havia sobrinhos que viviam longe e não lhe demonstravam muita afeição. De certo, a culpa era sua. Fora ela que não soubera lidar com eles, educados em outros climas, de maneira diferente. Imaginava que não saberiam cuidar de muitas coisas, por exemplo de suas aves de plumas coloridas que morreriam se não fossem alimentadas na palma da mão... Lembrou-se do sobrinho que, numa visita, havia muito tempo, atirara num estranho pássaro azul porque este bicava morangos de um canteiro; depois se vangloriara de ter matado uma parasita... Era um monstro com face de anjo. Não sentia, naquelas crianças, seus sucessores. Havia tantos segredos em torno que só ela conhecia e que talvez somente um filho de seu sangue pudesse compreender. Deveria possuir a mesma fantasia, a mesma inteligência, a mesma intensidade.

É verdade que bastava só ter modificado uma cláusula da constituição... Um rubor lhe subiu às faces: ela era Turandot, e isto significava uma vocação. Tinha palavra irrevogável, pois a palavra deve novamente voltar a possuir seu peso específico. Emendas constitucionais eram previstas para casos insignificantes. Cada palavra inútil era aniquilada no seu reino. Nisso deveria ter pensado aquele poeta.

Ao pé de cada lança havia uma tábua, tendo inscrito o motivo da execução. Leu na última, ao trêmulo brilho das estrelas:

“Respondeste ao amor com uma canção efêmera”.

ROMÁN IVANYTCHÚK (1929)

Nascido em Galícia, filho de um professor. Estudou Letras na Universidade de Lviw. Primeiramente lecionou Literatura Ucraniana e trabalhou na redação do jornal OUTUBRO, em Lviw, dedicando-se mais tarde à criação literária.

Obras: DEGELO NO RIO PRUT (1954), NÃO DERRUBEIS OS ABETOS (1961), EMBAIXO DA ABÔBADA DO TEMPLO (1961) — coletâneas de contos; A BEIRA DA NOITE (1960), BRASA (1964), NEVADA DE CHOUPOS (1965) SEDE (1967) — novelas; AO LONGO DA ESTRADA, (1962), AS MALVAS (1968), A CASA NA MONTANHA (1969) — romances.

Ivanytchúk vive a tradição ghutsula: seus personagens não aceitam de bom grado mudanças e inovações. Seu estilo é sóbrio: escassêz de palavras faz destacar o enredo dramático.

O LENÇO

Román Ivanytchúk

Aconteceu num restaurante da estação da estrada de ferro. O velho Panás queria jantar. Hesitou muito tempo antes de se resolver a entrar com suas sacolas no ombro, pois que no interior tocava música, e em torno da mesa estavam sentados, como pensava, os próprios membros do governo. No entanto, tinha que comer alguma coisa. Tirou o chapéu e se inclinou diante do garçon.

— Pode-se entrar?

Entrou. Olhou em torno para ver onde havia vaga para sentar. Então ouviu alguém chamá-lo. Era seu velho camarada, Markó. Outrora haviam trabalhado juntos nas balsas. Alegrou-se de vê-lo após tantos anos.

Beberam cerveja para festejar o encontro.

Markó indagava sobre a vida. Panás dava respostas escassas.

— E teus filhos?

— Tive Olenka, mas...

— ?

— Foi estudar a Lviw. Veio a guerra. Soube pelo povo que os alemães a levaram. Não voltou.

Tomaram a cerveja, sem tocar nos bifés. Panás puxou o cachimbo.

— Fume cigarros.

— Pois não.

Markó encomendou mais cerveja.

— Pode voltar ainda. Às vezes acontece que esperamos, esperamos, e de repente...

— Não creio...

— Tudo é possível.

Ambos não acreditavam, mas tinham vontade de falar assim.

— Dizem que em Kolomeya voltou assim um filho à casa paterna. Depois de vinte anos, mas voltou.

— Eu não disse?

— Contaram que tinha apenas cinco anos quando se perdeu.

— E sua filha?

O velho Panás pensou, lembrando.

— Agora seria assim como esta, — apontou uma jovem senhora, sentada atrás da mesa vizinha. Por um momento fixou o olhar caloroso na sua bela face. Depois tirou da sacola uma garrafa.

— Venho da casa da minha irmã, ela me deu esta aguardente de ameixas para a viagem.

— Leve para casa.

— Não tenho companhia, só as paredes...

Derramou nos copos e na toalha.

— Se voltasse assim de repente, eu convidaria a aldeia toda e embriagaria a todos até perderem os sentidos.

— Toma, compadre.

— À saúde...

O velho Panás imaginava que festa seria se Olenka voltasse. Perguntou quantos filhos tinha Markó. Tinha quatro, graças a Deus.

— Eu possuía uma única... Beba, compadre, — oferecia como em sua casa na festa do santo padroeiro. — Era tão bonita como esta...

A mulher sorriu, Panás pensava que era para ele e inclinou-se por cima da mesa. Ela, surpresa, deu com os ombros e disse algo sussurrando a seu vizinho.

Panáas falava ou talvez apenas pensava:

— Sempre lhe aconselhei: estude, aprenda. Na escola sempre foi elogiada. Lia uns livros tão inteligentes que nada deles pude entender.

Enchia seu copo sempre de novo e bebia. Nem sentia Markó pagar e partir para pegar o trem.

— E se esta moça aqui fosse Olenka? Eu a convidaria a sentar junto à mesa e perguntaria se ainda se lembra do seu pai. Ou não. Por todo o dinheiro que tenho comigo, haveria de comprar-lhe um lenço.

Já não bebia mais; olhava a jovem senhora, imaginando que era sua filha.

Então iria presentear-lhe com um lenço. Mas, que presente é lenço? De certo, nem usa lenço na cabeça. Cresceu na cidade. Ele, porém, não poderia comprar-lhe hoje algo diferente. Viu um, listrado, com franjas compridas, na loja da estação. Iria comprá-lo. Iria dobrá-lo bonito, chegar até a mesa e dizer: “Não sei quem são seus pais, mas eu tive uma Olenka assim, é para você”. É tudo.

Começou a acreditar que ela haveria de se surpreender muito, depois se levantaria bruscamente por detrás da mesa, exclamando: “Paizinho!”

Então, ele a tomaria consigo. Chamaria a aldeia toda e daria uma festa como ninguém tinha visto.

A jovem senhora o fitava. Ao velho Panás parecia que ela o fitava muito atentamente, como se o reconhecesse. O que se passava? Os seus olhos iam aos poucos se desanuviando. Panás notou no seu rosto características da sua filha: o mesmo repartido no meio do cabelo, rechonchuda, covinha no queixo. Queria erguer-se e gritar: “Sou eu, eu! Seu pai!” Não ousava, no entanto: não tinha certeza se era Olenka. O melhor era fazer como tinha planejado. Sem perder o tempo. Cambaleando, pois sua cabeça zunia da aguardente de ameixas, saiu ao vestíbulo. Entrou na loja. Comprou — aquele listrado com franjas compridas, e voltou rapidamente, tropeçando sobre malas alheias. Mas não havia ninguém mais atrás da mesinha. O velho Panás não esperava aquilo. Era como se alguém tivesse tirado a última tábuca debaixo de seus pés numa ponte esburacada, como se alguém tivesse extraído seu coração do peito, colocando nele algo frio.

Sabia: aqui não estivera Olenka, então não havia dor. Apenas no peito dançava o vazio depois da última ilusão.

Nas mãos segurava o lenço. Era tudo o que lhe ficara. E ainda uma lágrima brilhante restou de toda sua riqueza, rolando como uma ervilha pela face hirsuta e grisalha... E também ela se perdeu num gosto salgado nos cantos dos lábios.

EMMA ANDIEWSKA (1931)

Nasceu em Stalino. Formou-se em Letras Clássicas, Eslavística e Sânscrito da Universidade Ucraniana Livre em Munique. A escritora reveste seus mitos absurdos de imagens surrealistas. Sua visão do universo é trágica; seus contos falam, na maioria dos casos, sobre o encontro com a morte, sobre a conspiração das forças que estão dentro de seres e objetos para oprimir o protagonista que pouco revela de suas emoções.

Emma Andiewska é poeta e prosador.

Coletâneas de poesias: POESIAS (1951), NASCIMENTO DO ÍDOLO (1958), PEIXE E DIMENSÃO (1961), CANTOS ALÉM DAS PAREDES (1962), FEIRA (1967), CANÇÕES SEM TEXTO (1968). Contos: ESTRADA (1955) TIGRES (1962), DJALAPITA (1932). Romance: ERÓSTRATOS (1970). Em Português, já foi publicado seu conto O TERMÔMETRO, na coletânea CONTOS UCRANIANOS (1959).

O TERMÔMETRO

Emma Andiewska

Certo dia, D. começou a notar que seu termômetro não indicava a temperatura do quarto, mas predizia os acontecimentos mais diversos. No princípio, D. julgou estar enganado. Duas semanas atrás, no entanto, pela manhã, o termômetro prevenira que naquele mesmo dia, às doze horas, o banco da cidade seria assaltado. E assim sucedera. Uma semana antes revelara que o marido da vizinha, desaparecido há oito anos, voltaria. E no dia anterior, D. não pudera dormir tranqüilo por motivo do alvoroço feliz provocado pelo aparecimento do homem.

O termômetro indicava não apenas grandes acontecimentos, mas os de pouca importância, também. Ele era capaz de prevenir, com muita precisão, quando as solas dos sapatos se iriam desprender, a que horas se abririam as lojas. Até sabia adivinhar e interpretar os sonhos.

D. não queria acreditar, mas a cada minuto tinha de convencer-se de que o termômetro, de fato, tudo adivinhava minuciosamente. Isso o incomodava, mas foi passando aos poucos.

Principiou a habituar-se com o termômetro e chegou depois a tirar vantagens das suas novas propriedades.

Enchendo-se de coragem, por fim, predisse a uma senhora onde ela iria encontrar seu cachorrinho roubado. A um funcionário que vivia no primeiro andar e que talvez em virtude de seu trabalho sedentário era habitado por demônios, ele aconselhou a tomar óleo de rícino quente. Na manhã seguinte o funcionário, passando lá para agradecer-lhe, comunicou-lhe que havia expelido cinco demônios. Mas ele pediu-lhe que guardasse segredo desse fato.

O termômetro jamais se enganava e D. principiou a aceitar dinheiro pelas predições. O velho casarão tornou-se pequeno para ele.

Notou que trazia no corpo uma roupa já muito usada. Comprou um novo terno, mas continuou vivendo no seu antigo cômodo junto ao qual se estendia uma fila que começava no portão e terminava em frente de sua porta, no quarto andar.

Inesperadamente, da mesma forma que começara, o termômetro passou, certo dia, a confundir suas predições. Quer dizer, ele continuava a prever, da mesma maneira, o que iria acontecer, apenas trocava as pessoas a quem os fatos diziam respeito. A fila foi diminuindo, mas apesar disso ainda não se podia passar pela escada. Os clientes que

se haviam acomodado para morar na escada, trocavam pancadas por causa das predições confundidas. Para o teto eram lançadas, como meteoros, crianças de peito, orelhas arrancadas, tranças, e ao longe tinha-se a impressão de que ali estavam a funcionar poderosos ventiladores.

Em breve a fila desapareceu e diante da porta de D. apenas dois barbudos se obstinavam. Quando, porém, as barbas cresceram juntas até o chão, também eles se foram.

Alguns dias passados, o termômetro endoideceu e indicou coisas que só a ele próprio eram inteligíveis, de certo, e após muitas indecisões fixou-se ele nas predições que apontavam sempre justamente o contrário.

D. tentava não dar atenção àquilo, não possuindo meios de acabar com o termômetro. Quantas vezes ele o quebrasse, jogasse pela janela, desse de presente aos vizinhos (o termômetro permitia que lhe fizessem tudo, à vontade), tantas vezes aparecia pendente no seu lugar habitual, sem mexer-se, como se nada houvesse acontecido. D. bem via como nessa luta se esvaíam suas forças. Decidiu-se, enquanto havia tempo, a por ponto final a tudo isso. Arrumou as malas, atirou o paletó sobre os ombros, olhou o termômetro pela última vez, escarrou e foi-se embora.

Não tinha dinheiro. Enquanto ganhara com as predições do termômetro, D. se desacostumara inteiramente de trabalhar e nem sabia agora o que era necessário fazer.

Foi até o parque, amarrou o paletó na maleta, pendurou-os num galho para que ninguém os rou-

basse e dirigiu-se, sem destino, para o centro da cidade, contando que a sorte não o abandonaria.

D. verificou, muito surpreso, logo aos primeiros passos, que era muito conhecido. O povo virava a cabeça para vê-lo, apontava-o com o dedo, murmurava. Depois, um garoto atirou-lhe uma pedra e uma multidão juntou-se a sua volta. Era como se todos apenas estivessem esperando por isso. Puseram-se a gritar como possessos, exigindo que lhes devolvesse o dinheiro pago pelas predições. Alguns nem podiam suportar o simples fato do termômetro existir e com os gritos mais agudos clamavam por justiça, reclamavam o salário perdido, a falta de honestidade, a profanação do sobrenatural e de algo mais que não era possível entender. Um sujeito enorme, exclamando que conhecia bem as pessoas do tipo de D. e que sabia como tratá-las, abria caminho por entre a multidão em direção a ele.

D. meteu a cabeça nos ombros o mais que pode e pôs-se a correr. Sobre ele choveram bengalas, pedras, maçãs. Saia gente dos portões a persegui-lo. Pesadas vendedoras de feira corriam-lhe atrás e batiam-lhe com longos pepinos verdes. Depois, alguém o riscou num lado com uma faca. As calças, cheias de sangue, colavam. Por esse motivo, as pernas de D. puseram-se tão finas que a multidão estacou sem querer e deixou de se interessar por ele.

Com um último esforço, às vezes quase perdendo a consciência, D. conseguiu chegar a sua casa. Durante sua ausência haviam aberto a janela. O quarto estava cheio de sol e de tílias. D. quis alcançar a cama, mas esta flutuou à sua frente para um

lado, para alguma parte, e ele caiu de face no chão. Com o canto do olho esquerdo que começava a cobrir-se com um véu, D. pôde ainda perceber que o termômetro indicava a temperatura do quarto.

A FILHA DOS VIZINHOS

Emma Andiewska

D. apertou o dedo para que o sangue não gotejasse sobre os cartazes que pintava e pendurava nas árvores, trens e cercas à procura do trabalho; aborrecido com o lápis sem ponta, sua falta de jeito e a lâmina, foi pedir iodo à dona da casa. Quando voltou com o dedo enegrecido, do qual, como o açúcar dos bolos de Páscoa, escorriam na palma da mão duas perninhas de iodo, um sujeito rosado estava sentado no seu quarto.

— Tenho trabalho para o senhor, — disse o sujeito, vergando seu sapato na forma de um ponto de interrogação. — O trabalho não é difícil: cuidar da criança de noite. Se o senhor concordar. Hoje à noitinha pode começar. Meu apartamento fica um andar abaixo, à esquerda, somos vizinhos. Vizinhos, — cantarolou ele, — até logo. E faça o favor de ser pontual.

Devagar, D. recolheu da mesa os cartazes, espiou no cinzeiro: não havia mais pontas de cigarro

e ele desejava fumar. Limpou os cotovelos do paletó e, tendo olhado durante uma hora o vento, disparando, de atiradeira, sobre os transeuntes as sombras dos pombos elásticos, saiu para a escada.

À direita, vivia um médico. D. freqüentava-o raramente e a contragosto; tinha ainda um pequeno débito para com ele. Em frente, via-se uma porta majestosa, pintada de marrom. No meio, onde sempre estavam penduradas as placas com os nomes das famílias, havia um sol arranhado na tinta.

— Minha filha tem sete anos e meio, — disse o sujeito que viera para oferecer o emprego a D.

D. julgara que precisava cuidar de uma criança de peito e ficou um tanto surpreso.

— Ela é órfã, — o sujeito acariciava as tranças loiras da menina, — cuide dela. Boa noite.

Pela primeira vez D. ficou sendo babá. Ele não gostava muito de crianças, mas depois de um longo desemprego, sentindo somente agora a exaustão, estava disposto a fazer qualquer trabalho.

A menina achava-se sentada num banquinho e olhava em silêncio para D.

— Você não dorme de noite? — perguntou ele muito seguro de si, pensando que não ia se entender com a menina.

— Não durmo desde que nasci.

Ficaram calados alguns instantes; a menina mastigava sua trança.

— Faz pena estragar assim a trança, — começou D. com a voz insegura. — Como se chama?

A menina apertou os olhos e riu, convencida de certo de poder fazer com D. o que quisesse.

— Penteie minhas tranças.

— Não tenho pente. . . — mentiu D. por qualquer motivo.

— Não quero que penteie com pente. Penteie com os dedos. Com as duas mãos!

D. tirou do bolso a mão ferida, soltou as tranças, ergueu o dedo para o cabelo não tocar na ferida.

A menina gostou muito. Ela se mexia, sacudia a cabeça, e depois de alguns movimentos, o cabelo penetrou como uma faca no ferimento. A pele do corpo inteiro de D. encrespou-se em pétalas. Ele tentou tirar o cabelo da ferida, mas logo desistiu, para não gritar. Sentindo que D. se aquietara, a menina puxou o cabelo preso ao dedo tão fortemente que D. perdeu os sentidos.

Abrindo os olhos, ele viu que estava num grande quarto vazio, em cujo canto havia um porta-chapéus. Sobre o porta-chapéus, nos cabides, pendiam anjos ordenadamente arrumados. Os anjos fitavam D. e D. aos anjos.

— Onde está a menina? — perguntou D. que se sentia sem jeito de olhar os anjos.

Um anjo tossiu e abriu a boca. Nesse instante a menina entrou e bateu-lhe com o punho cerrado na cabeça.

— Veja que falador! Eu sinto tédio, — disse a D. Distraia-me, você ganha dinheiro por isso, e você não soube inventar outra coisa a não ser desmaiar. Distraia-me, senão eu como você, — ela fez um mochocho, mas não agüentou e riu, mostrando uma fileira de simétricos dentes de leite.

Onde teria sido educada essa criança, tão mimada? Filha única, pensou D. com inveja, lembran-

do-se que era um dos quatro filhos a quem logo haviam ensinado a ter juízo.

— São meus vestidos, — a menina apontou os anjos. — Quer experimentar? Faça isso!

Essa idéia, de repente, a entusiasmou. Tirou um anjo do cabide e jogou-o para D. O anjo caiu com os olhos para o chão, batendo nele como se fossem de esmalte pesado. D. teve a impressão de que nos olhos do anjo, de um azul leitoso, havia touros pintados.

— Vista!

— Mas ele está vivo!

— Digo a você, vista!

D. meteu com cuidado uma mão no anjo. A mão penetrou como se fosse em massa, e D. sentiu, quando o sangue do anjo pricipiou a gorgolejar e sua carne a latejar. Então, quase sem fôlego, entrou no corpo do anjo, como se este fosse uma camisa. Oprimiam-no correntezas de sangue pesado, e o peito se vergava sob os golpes dos pulmões escorregadios do anjo. D. sentiu que suas pernas, vestidas das pernas do anjo, inchavam, enchiam-se de formigas e petrificavam, caindo em seixos no fundo dos pés. Ele se esforçava por gritar, mas não podia, pois parecia-lhe que seu grito faria o anjo cair.

A menina sufocava de riso, vendo a face de D., envelhecida pela dor, rachada, enegrecida, que só de vez em quando se banhava de suor e se apagava. Outros anjos pendiam, todos amuados. Finalmente cessou de rir.

— Já deve ser de manhã, pois estou com vontade de dormir e tenho de ir à escola.

Pegou D. com dois dedinhos, puxou e liberou-o do anjo.

D. ficou ainda uns instantes sentindo sobre si o peso do sangue do anjo; o corpo foi aos poucos se arejando, e como se tivesse uma outra consciência, viu a menina levantar o anjo, sacudi-lo e, de novo, pendurá-lo no cabide. O anjo pendia e respirava pesadamente.

— Pai, paga aqui ao senhor!

Para além da parede ouviam-se sons assimétricos e o sujeito conhecido de D. apareceu num robe-de-chambre amarrotado, com um sapato de homem e outro de mulher. Ele escarafunchava com um dedo os restos de sono das rugas e, satisfeito, lançava-os ao chão. Parecia ter dormido bem após longo tempo.

— Os filhos dão muita preocupação, — dizia o sujeito, conduzindo D. pelo braço através do corredor até a saída. — Ela é minha filha única, o senhor compreende os sentimentos de um pai. Então, até amanhã.

D. calava. O sujeito o olhou mais atentamente, meteu-lhe na mão um pacotinho de notas, empurrou-o, estranhamente sem jeito, para fora da porta e fechou-a, carregando seus passos consigo.

Com o pacotinho de notas poder-se-ia viver um mês. Pela primeira vez D. segurava tanto dinheiro nas mãos. Que o esperassem amanhã, para ele uma vez bastava! Folheou com um dedo o punhado de notas, depois outra vez, cada vez mais rápido, novamente e novamente.

As primeiras notas eram estampadas de um só lado; do outro, sobre o papel branco, deleitavam-se

inscrições cuidadosamente desenhadas, com rabiscos nas consoantes:

“Comei mais frutas — tereis saúde”. Seguiam-se simples cartões brancos:

“Homens são mortais.”

“Quando chove. . .”

D. atirou o maço no poço da escada e voltou-se. Lá, onde há pouco havia uma porta, restava apenas uma pequena mancha. O olhar de D. fez crescerem nela pernas e ela pôs-se a andar pela parede.

D. se atirou com os punhos contra ela.

— Quer voltar?

Diante de D. estava, com a maleta da escola às costas, segurando-se ao corrimão, a menina de tranças amarelas.

— Estou às suas ordens, — disse ela, como costumam dizer as crianças que cresceram entre adultos. — Eu sou a morte.

Bateu-lhe com uma cana índica vermelha e partiu-o pelo meio.

GHRYGHIR TIUTIUNNYK (1931)

É proveniente da região de Poltava. Trabalhou em diversas profissões humildes. Depois de terminar os estudos na Universidade de Kharkiw, em 1962, foi professor, scenarista no estúdio cinematográfico em Kiev e colaborador na editora "Juventude".

Revelou-se como contista sensível desde o ano de 1961, publicando suas estórias nos periódicos MANHÃ, DNIPRÓ e no jornal UCRÂNIA LITEÁRIA. Seus contos tratam, de preferência, da psicologia da criança durante e após a última guerra. Freqüente emprego de onomatopéias e rica verbalização tornam seu estilo vivo e o ritmo de sua ação agil.

Coletâneas: OS RENOVOS (1966), MILEFÓLIO (1969).

PENEIRA, PENEIRA...

Ghryghír Tiutiunnyk

Veja só: mal me acomodei no banquinho para ver a mãe acender o fogo na lareira, e já alguém sacode a porta. Imagino quem poderá ser: a tia Kharytyna ou a tia Alexandra, ou sei lá quem. Vieram ler a sorte. Pois bem, vou dar um jeito na sorte de vocês, já que não me permitiram ver o fogo pegar nem dar um espiada no que há para a ceia!

— Vai, Ilkó, abre o ferrolho, — diz minha mãe, as lágrimas correndo dos olhos: soprou a brasa na estopa e a fumaça lhe entrou na vista.

Eu corro ao vestibulo. Lá a neve chega aos tornozelos: o vento a soprou para dentro pelas frinchas da porta. Experimente abrir, e ainda por cima descalço! Há tempos o velho Murmylo disse à minha mãe: leia a sorte, dona, para meu filho Ivanhko, e eu virei no domingo para dar um jeito na sua porta, pois secou demais, abrindo brechas... Leu a sorte, soube que Ivanhko estava vivo entre os fuzileiros

nos tanques, e foi embora. E a neve penetra na entrada como antes... Tente abrir agora!

— Quem é? — pergunto tão zangado que os ratos no sótão — eu ouço — esguicham para todos os lados. E a maçaneta da porta diante dos meus olhos dançando, batucando, e a neve pelas frinchas ch-ch-ch... Soprou um punhado pela abertura da minha camisa a dentro.

— Quem é? — insisto.

— Sou eu, Ilkó, a tia Olena. Não me reconheceste?

Pois não reconheci. Também, como a poderia reconhecer através da porta? E além disso, sendo noite? Abro depressa e dou um pulo de volta ao quarto; a geada me chicoteia as pernas, bem que me apanhou! A tia vem nas minhas pegadas:

— Boa noite, Odarka! — diz à minha mãe. E para mim: — Como vai, meu genrinho...

— Bem! — grito ainda mais zangado do que na entrada e esfrego os pés. “Genrinho, genrinho!” Meus pés ficaram gelados, e para ela “genrinho”. Sempre me cumprimenta assim, e ainda pisca o olho, como se faz para uma criança pequena.

Por que deveria eu ser seu genro? Pensa, já que tem a sua Natka, que sem dúvida alguma eu vou me casar com ela! E talvez eu vá depois da guerra a Donbás para casar com uma doutora, como o tio Pelyp? “Genrinho”! Antes fosse logo dizendo: leiam a sorte...

— Venho, Odarka, à sua casa, — a tia pisa e torna a pisar junto da soleira, pois está vendo que nós ainda não jantamos, e por cima os galhos estão

úmidos, não pegam fogo, nem temos palha para acendê-lo.

— Será que sonhaste com alguma coisa ruim? — pergunta a mãe começando de novo a soprar as brasas.

Tia Olena inclina-se para o fogão e, também, estufa as bochechas como canecos, mais do que minha mãe, pois a mãe está cansada e a tia não. Sopram, mas a estopa não se acende e fumeja.

Fumegou, fumegou, finalmente pegou fogo. A casa logo clareou, apareceram as sombras de todos objetos: a do banco, a minha e a da tia com a mãe. A janela cegou. Como se fosse tapada de fora por um embrulho. Com a estopa ardendo, a tia ficou contente, tomou o candieiro, acendeu-o e colocou-o no peitoril da janela. Todos ficaram alegres, pois a tia está com vontade de ler a sorte, quanto mais depressa melhor, a mãe quer descansar e eu não preciso correr pela segunda vez aos vizinhos para pedir uma brasa.

— Dizes, Olena, que tiveste um sonho mau? — pergunta minha mãe preocupada.

Eu tomo um velho cabo queimado e mexo nos gravetos: que ardam logo, pois estou com fome.

— Quem sabe como dizer-te — suspira a tia. — Sonhei com ele esta noite, coisas boas, parece-me, mas de tardinha veio Ghorpyna Stepaniwska, a cunhada dele, e me contou: sonhou com Dmytró anteontem, justamente antes da sexta-feira, e isso é um mau sinal; parecia estar, coitado, até o peito na água verde, sem chapéu, só de camisa bordada de vermelho, e tinha nas costas uma crosta de gelo — a crosta era fina e larga, estava se vergan-

do... Mas quanto a romper não se rompia. Estava ele lá a rir... Depois parecia dizer: “Tire esta crosta de mim, cunhada, sinto frio nas costas...” Então eu vim a tua casa, Odarka, para perguntar: o que quer dizer esse sonho?

— Eh, — responde a mãe em voz baixa, inclinando-se para a lareira, olhando o fogo. — Se no sonho ele aparecesse a um parente próximo, do primeiro grau, a gente podia adivinhar. Mas a cunhada — quem é? Uma pessoa estranha...

A tia ficou tão contente que se tornou toda corada. Ou foram as chamas na lareira? Os olhos de minha mãe estão, não sei por que, tristes, e uma brasnha treme lá dentro, tristonha também.

— E o que tu mesma sonhaste? — pergunta. A tia suspira rapidamente e começa a contar:

— Sonhei assim: parecia que eu estava andando por um campo de centeio, como se fosse lá na encosta.

— O centeio estava verde ou maduro? — interrompe a mãe.

— Não posso dizer-te, esqueci... — lamenta-se a tia. — Lembro-me, apenas, de que estava se movendo, fazendo cócegas com suas praganas nos meus pés... Era como se ventasse, nublado. E eu sempre andando. De baixo dos pés, de repente, esvoaçou uma codorna.

— Veja só! — alegra-se minha mãe. — É como se fosse para anunciar um encontro. O centeio quer dizer: está vivo...

— Mas estava ventoso e nublado... — hesita a tia.

Aqui, penso eu, posso também entrar.

— Como não deveria estar ventoso e nublado, achando-se o tio na frente de batalha...

— É verdade, está na frente... — E dirigindo-se à mãe: — Meu Deus, como teu menino é inteligente, Odarka! Que Deus o faça continuar assim...

A mãe cala-se um instante, está orgulhosa; depois acaricia minha cabeça — uma, duas, três vezes... por muito tempo. E então:

— Se os tempos fossem melhores, poderia chegar a ser alguma coisa. Mas tu vês: sem roupa, nem sapatos... Fica o dia todo em casa, que nem uma toupeira no buraco. Nem lembro a ele a escola, pois mal abro a boca, começa a chorar... A professora veio já umas cinco vezes para chamá-lo, mas ele não tem nada para por no corpo...

Na lareira o fogo arde mais e mais, a casa torna-se vermelha, e os patos selvagens com bicos cinzelados no gelo e na geada dançam e cintilam sobre as vidraças. Sibilam... Ou, talvez os galhos assoviem no fogão e deixam na casca fria uma espuma branca que se torna vapor, — é a umidade que sai deles.

O fubá já está cozinhando na panela — fubá, de novo! — mas a tia não vai embora.

— Será, Odarka, que também podes ler a sorte na peneira? — pergunta timidamente.

Bem que eu sabia! “Genrinho” para cá, “genrinho” para lá! Se tivesse logo dito: leiam a sorte... Ainda por cima pisca o olho...

— Pois não, concorda a mãe. — Posso ler. Prepara, filho, o que é preciso.

— Logo vai romper o aro, — resmungo, zangado, porém trepo na lareira para apanhar a peneira e a tesoura. Não demoro em preparar os instrumentos. A gente só deve colocar a peneira do lado, prendendo-a com os joelhos e meter dentro do aro os gúmes da tesoura, um pouco aberta. Em seguida, a mãe sustenta com seu dedo indicador o anel de um lado, e eu, com um dedo qualquer, o anel do outro lado. A mãe diz, então: “Abençoa, Senhor”, e a coisa começa...

Na peneira, lá onde eu meto a tesoura, já se formaram buraquinhos daquela feitiçaria, o aro já tem uma brecha. Não faz mal, amanhã meterei a tesoura num outro lugar, hoje ainda ela agüenta.

— Pronto, — digo.

Sustentamos, minha mãe e eu, os anéis da tesoura com os nossos dedos e vamos para o meio do quarto. A peneira faz uma grande sombra alongada na parede, pelo entrançado se percebe como na lareira dança a chama e na chaminé os minúsculos grãos de fuligem se acendem e brincam de pegar...

— Agora abençoa, Senhor, — diz a mãe. E a tia pára até de respirar; seus olhos estão grandes, grandes, ficam grudados na peneira. Engraçada! Antes que ela olhe para mim, posso fazer o que eu quiser: se tiver vontade, vai sair que o tio Dmytró ainda está vivo; se não tiver, vai sair que ele já não está mais! Ontem, por exemplo, veio a velha Chlop-tchykha ler a sorte, e eu fiz assim que seu genro morreu... Para que aprenda a me botar pra fora do seu terreno! Um dia eu estava lá apanhando aze-

dinhas; ela viu e me mandou embora... Ontem ela me pagou...

— Ouve, Senhor, abençoa, — outra vez diz a mãe e começa a recitar o dizer: — Peneira, peneira! Tu peneiras a farinha sagrada, no bem e no mal, para o batismo e para a comida do velório, para as bodas e para os onomásticos... Dize-me a verdade santa: Dmytró de Olena está vivo ou não vive mais... Se estiver vivo, — vira para a esquerda, se estiver morto, — pra direita...

Em seguida nós todos ficamos quietos, olhando a peneira. É este o momento que eu gosto mais de todos, pois agora tudo depende de mim: empurro o anel para a esquerda — a peneira vira para a esquerda, empurro pra direita, a peneira vira pra direita... Para onde empurrar agora? E se eu não empurrasse?... Já fiz uma vez assim. Era de estourar de rir! A mãe disse a invocação, e eu não empurrei; a mãe disse outra vez, eu na mesma. E a peneira parada — nem para cá, nem para lá...

“Por que ela não mostra nada?” perguntaram à minha mãe. Ela pensou, pensou e disse: “Parece que o rapaz ficou prisioneiro, pois se estivesse do nosso lado, haveria de mostrar alguma coisa”...

Volto-me para a tia, e ela está toda trêmula, coitada, até com rosto mudado; é bem visível que tem vontade de ler a sorte e, ao mesmo tempo, está com medo de que saia a morte do tio. O que devo fazer com ela? Seja como for, eu me lembro que a tia Olena é boazinha. Uma vez trouxe-me uma lembrança da feira (um galo de barro, com apito bem estridente!), e no outono veio com um pe-

daço de abóbora assada, e um dia ajudou a puxar o trenó cheio de gravetos até o pátio, quando eu já estava exausto... Só uma vez ralhou comigo: eu roubei dela um canequinho de ferro, para guardar nele material para atiradeira. Mas foi culpa minha, eu bobeei: devia logo liquidá-lo, para não deixar nem sinal, e eu tomei só a metade, para ter o resto em caso de necessidade. Ela viu e me chamou de malandro. Foi minha culpa! Não, é melhor mesmo que o tio Dmytró continue vivo...

Eu disse isso a mim mesmo e empurrei o anel da tesoura para a direita (assim, visto do meu lado, e do lado da mãe girou pra esquerda). Empurrei, e a peneira deu uma virada, — lá tens, tia, nosso tio Dmytró está vivo!

— Está vendo, — alegrou-se a mãe, — eu lhe disse que o centeio quer dizer: está vivo.

A tia corou como uma papoula. Deu algumas voltinhas pelo quarto e então me meteu um embrulho feito de folhas de repolho nas mãos e disse já na porta:

— Deus lhe pague, vou correndo...

Desembrulho o pacotinho e encontro uma maçã azeda...

A mãe ri:

— Vês, — diz ela — já mereceste um presentinho!

Sinto-me afogueado. Corro à entrada, abro a porta.

— Tia, tia! — grito na escuridão. — Eu fiz de propósito, tia... Eu mesmo não sei, tia!...

O vento apanha as palavras, despedaça-as junto da soleira e empurra-me, de novo, para a entrada;

a neve grossa bate-me nas pernas, como se fosse um raspador... A tia foi embora, não ouviu...

— Por que corres descalço? — ralha a minha mãe.

— Passei o ferrolho! — grito pela casa toda, como se a mãe fosse culpada, e atiro a maçã na prateleira: quem quiser que a coma.

...A tempestade já se acalmou, pois não se esforça mais em penetrar pelas vidraças e não estrebucha junto das paredes, mas eu não consigo dormir. Estou vendo ora o tio Dmytró com a crosta de gelo nas costas, ora meu pai, coberto de neve em qualquer lugar, ora a peneira na parede — bem grande, e através dela, as partículas de fuligem em brasa, no fundo negro.

— Mãe, escute, mãe — pergunto baixinho. Por que a senhora nunca lê sorte do meu pai?

— Eu leio, meu filho, a sorte do teu pai, — suspira a mãe e não responde por muito tempo. — Leio, porém não sozinha e sim nas casas dos outros.

— Por que, na casa dos outros?

— Penso que talvez alguém saiba mais do que eu...

— E então?

— E então é a mesma coisa...

E ainda diz algo, e ainda... Mas eu não ouço mais: sinto um calor em baixo do cobertorzinho, enquanto a casa está fria e escura. A noite é funda, profunda...

Onde parou o teto? Não há teto. A escuridão se estende do chão até o céu... Os pensamentos cessam, apenas uma palavra se remexe viva na cabeça: peneira, peneira... Outras palavras se pren-

dem nela, se colam, como as brasinhas de fuligem na chaminé.

Peneira, peneira. Tu peneiras a farinha sagrada... Onde está o nosso pai?... Dize-me a verdade... a santa verdade... onde está o nosso pai?... A neve...

YURY TARNAWSKY (1934)

Nasceu na região da Galícia. Depois de um período de estadia na Alemanha, emigrou para os E.U. da América do Norte, onde trabalha como engenheiro. É casado com a poetisa Patricia Kylyna. Dentro do quadro dos poetas e escritores ucranianos que se denominaram "O grupo de Nova York" e que se revelaram na 5.^a década desse século, Tarnawsky é o maior experimentador de formas novas. Seu estilo mostra-se alheio ao sentimental; ele é emaranhado nas imagens de preferência urbanas. O autor prefere buscar a "beleza difícil" através do chocante, do cacofônico do dolorido. Escreve, também, em língua inglesa.

Coletâneas de poesias: A VIDA NA CIDADE (1956), TARDES EM POUGHKEEPSIE (1960), BIOGRAFIA IDEALIZADA (1964), RECORDAÇÕES (1964), QUESTIONÁRIOS (1968), SEM ESPANHA (1969), CANÇÕES YE-YE (1969), VINHO E ÓLEO TERRESTRE (1970); POESIAS SOBRE O NADA (1970) reúne sua obra poética completa; novela OS CAMINHOS (1961). Seu conto ESOPO foi publicado em língua portuguesa, na coletânea CONTOS UCRANIANOS (1959).

ESOPO

(Fábula)

Yury Tarnawsky

Contava-lhes, mas não lhe davam crédito:

Quando sua língua se tornava dura e seca como uma passa de figo, abria no escuro sua caveira e metia lá dentro a mão, retirando moedas de ouro que espirravam com um riso tilintante ao jogá-las sobre a mesa. Fazia, depois, deslizar pela garganta a serpente rosada do vinho cujo corpo elástico pulsava, sua pele escorregadia e lisa brilhando à luz das velas.

Não acreditavam, quando aquele que se chamava Esopo dizia que as fábulas lhe nasciam na boca como as ondas no mar, e que ele as criava só para lhes sentir a respiração e deliciar-se com seus espontâneos jogos infantis.

Ao entardecer, homens com cabelos e olhos semelhantes aos de carneiros reuniam-se sobre a areia branca como a neve, enquanto o mar lambia os finos lábios de areia com sua língua úmida de saliva.

— Conte! — pediram, e ele principiou.

No instante em que abria a boca para soltar as palavras, a última gota de sol espirrou-lhe na face e ele esperou que o líquido amarelo-avermelhado lhe escorresse da pele. Esfregou, então, os olhos com as mãos e recomeçou (o sol morreu encharcado de sangue):

— Como sabeis, eu fui outrora um cão. Era um cão pequenino e morava com meu rico senhor. Em sua casa, teias macias como folhagens eresciam, e nas colunas brancas enroscavam-se serpentes semelhando verdes trepadeiras. Na casa do meu senhor não havia servos, pois ele odiava os homens e vivia solitário em seu grande palácio. Não fazia outra coisa o dia inteiro, senão amestrar-me. Batia-me nas patas com uma varinha fina, e quando eu ganhava, aprisionava o meu focinho, fazia-me respirar dentro de sua palma molhada, tirando-me o ar até fazer-me perder os sentidos.

Ensinava-me a andar sobre as patas trazeiras e dianteiras, a permanecer longas horas a fio equilibrando-me num só pé, mostrando o branco dos olhos. Ensinava-me, também, a saltar fazendo uma pirueta no ar e a aninhar-me enrodilhado como um novelo sobre sua cabeça. Ordenava que fosse cruel, que não lambesse suas mãos e não brincasse com os pássaros verdes e lilazes que cresciam nos arbustos como flores. “É porque tu não passas de um cão”.

Certo dia, quando eu já era crescido, adormeci nos prados extensos cheios de flores amarelas como gema de ovo, à beira de uma fonte onde brotavam verdes cabeleiras. O sol jorrava tépido e eu cochilava. E quando eu estava sonhando um so-

nho azul, ele aproximou-se de mim, empurrou-me com o pé para dentro d'água e pôs-se a rir nuns espirros frios.

Nadei, então, para a margem e, sacudindo a água, fingi estar com frio, batendo os dentes. E esperei...

Acercou-se de mim, rindo-se em silêncio.

Mordi-lhe, então, o pé descalço e senti o veneno verde fluir de meu coração como fria bebestimagem, penetrando no seu. Pus-me ali a um lado, esperando...

Ele morria lentamente, a gemer:

— Por que, por que me mordeste?

Mas eu calava, os pelos eriçados, rosnando.

Quando soltou o último suspiro, senti que uma força em meu peito crescia e o mísero corpo de cão já não a podia conter e partia-se, deixando irromper dali de dentro um homem. Era eu! Dei-me a mim mesmo o nome de Esopo e vim para o mundo contar fábulas.

— Já terminaste? — perguntaram.

— Sim, — disse e estendeu-lhes os dois braços brancos, semelhantes a duas estradas.

Então, eles o levaram consigo e o guiaram até a cidade, rodeando sua figura magra como um rebanho de ovelhas.

Sobre a cidade formavam-se nuvens parecidas a copas de árvores. O mar, sem rugas, ia lambendo nervosamente os lábios quentes e secos com sua língua úmida.

PARABOLA DO PUBLICANO E DO FARISEU

Yury Tarnawsky

O fariseu estava no meio da igreja, de pernas largamente abertas, e tanto batia no peito que este ressoava com uma voz surda, igual à de um barril. O sol metia dentro de seus olhos os longos dedos amarelos, ele os apertava, bufava de calor, e o suor luzia na sua face como banha derretida.

— Ó Deus onipotente, — dizia o fariseu, — ó Deus onipotente, perdoai-me os meus pecados! Apesar de ter feito muitas ações boas aos outros, de certo mais de uma vez eu Vos ofendi, apesar de não ter sido de propósito, pois não me recordo disso.

Ele transferiu o peso do corpo de uma perna para a outra e lançou um olhar em volta pela igreja toda. Estava vazia, e o fariseu sentiu pena de que ninguém tivesse ouvido sua penitência fervorosa.

Mas, quando se virou bem para trás, percebeu no canto junto da entrada um pequeno monte de farrapos que se mexia. Fitando-o bem, reparou no mísero publicano que lá rezava.

Então, um sorriso de satisfação iluminou o rosto do fariseu, e com orgulho respondeu ele à profunda inclinação de publicano (pois o publicano era um grande pecador) e novamente voltou-se com a face para o altar, principiando a seguinte oração:

— Ó grande Deus, eu Vos agradeço por que me fizestes bom e rico e inteligente, para que eu possa ajudar a meu próximo e ensinar-lhe a verdade, e me destes a coragem de olhar a Vossa face luminosa e em voz alta fazer a minha penitência, para que todos me ouçam, até este publicano, indigno de levantar seus olhos até Vós, para se penitenciar como eu. Agradeço-Vos por isso, meu Deus!

Por muito tempo ficou a rezar desta maneira e batia no peito, fazendo profundas reverências, enquanto o miserável publicano silenciosamente fazia penitência no seu canto, dizendo:

— Ó Deus, sou pecador, não tenho coragem de olhar a Vossa face e penitenciar-me como o faz aquele ilustre fariseu que reza no meio da igreja. Eu Vos ofendi muitas vezes, meu Deus, não fiz bem a ninguém, só se fosse sem querer, pois não me lembro disso. Perdoai-me, pois, a mim pecador as graves faltas, ajudai-me a fazer penitência e dai-me a coragem de erguer até Vós os meus olhos e proclamar em voz alta os meus pecados, para que todos os ouçam e saibam.

Ouvi as minhas súplicas, ó Deus onipotente, e tornai-me bom e rico e inteligente, para que eu possa ajudar a meu próximo e ensinar-lhe a verdade, assim como o faz este ilustre fariseu, Vosso eleito.

RÔMULO E REMO

(Paramito)

Yury Tarnawsky

Rômulo estava descalço, metido até os tornozelos na terra. Ela era tépida e macia, aquecendo seus pés como a lã. O arado reluzia como um crânio branco, os cavalos bufavam.

— Que queres?

— Ha, ha, — ria Remo. — Ha, ha!

Ele ia pelo campo, colocando seus pés nos sulcos, como acrobata do circo coloca os seus na corda bamba. — Ha, ha!

Seu cabelo, um farrapo de fazenda negra, lhe velava os olhos, e a calça estava desabotoada.

A camisa de Rômulo estava aberta no peito coberto de espesso pelo negro, molhado de suor.

— Ha, ha! — gargalhava Remo. — És um tolo!

Rômulo olhava Remo andar pela terra; esta se desprendia de suas plantas e caía dentro do sulco, reluzindo com sua negra carne gordurosa.

— Vai-te embora! — gritou Rômulo. — Vai-te embora, estás bêbado!

Remo caminhava, seus olhos estavam brancos de aguardente.

— És um tolo! Trabalhas e eu bebo! Tu trabalhas, e eu bebo, e morrerás como eu! Ha, ha, ha, ha, ha!

Ele caiu no sulco e balbuciou: — E morrerás como eu, e morrerás como eu...

Rômulo gritou para os cavalos e açoitou suas lisas ancas negras (e a cabeça de Remo estava no caminho do arado); fechou os olhos e impeliu os cavalos: — Hê, hê!

O arado se prendeu a algo pesado e o arrastou por algum tempo atrás de si. Rômulo ia de olhos fechados, tropeçando sobre algo macio e morto, e caiu batendo com os dentes contra a lâmina (até o sangue lhe correr dos dentes) e se levantou e continuou.

(Nos seus ouvidos: “E morrerás como eu...”)

Rômulo, por uma razão qualquer, fitou o céu. Sete corvos batiam suas asas negras sobre ele. Sabia: “Serei um grande homem.” (E no cérebro: “E morrerás como eu, e morrerás como eu...”)

Caiu e chorou, a cabeça na terra negra. Os cavalos bufavam, e o arado estava tingido por um fio de sangue, tal como o de uma mosca, esmagada pela mão contra a parede.

YEWGHÉN KONTSEVYTCH (1935)

Nasceu na região de Jytomyr. Estudou por correspondência na faculdade de Letras de Jytomyr e, desde o ano de 1957, tem publicado seus contos nos jornais e revistas da URSS. Sua primeira coletânea DOIS POÇOS foi publicada em 1964. Traduziu para o ucraniano várias obras de literatura russa e polonesa.

Yewghén Kontsevytch utiliza-se de uma linguagem suculenta, especialmente na escolha dos verbos, e com leve sabor regional. Sua profunda simpatia dirige-se ao povo humilde e abandonado.

ESPERANDO VISITA...

Yewghén Kontsevytch

Quando se chega perto, a velha Mokryna ostenta duas filas de belíssimos dentes brancos. E de longe, no seu avental branco, rubramente cantam pela rua toda galos bordados.

Ela se plantou na prancha que permite passar por cima da sua cerca e trabalha com aquelas duas filas até que faíscas brancas saltam — são cascas de semente de abóbora. O olhar de seus olhos penetrantes corta a rua para cá e para lá. O tédio começa por apoderar-se de Mokryna. “Que ao menos um diabo qualquer saísse pra fora de casa... Que fossem para o clube, ao menos...” resmunga ela e justamente aqui é cortado o ritmo de seu lança-faíscas.

— Oh, Ryghor... já sarou, coitado!

No pátio vizinho, do outro lado da rua, arrastou-se para fora, comprido como uma cegonha, um velho ressequido, não dando importância à sua asma, vestindo um casaquinho de pele de ovelha, reluzente de tanto uso. Segurando-se pelo meio do

corpo, atirou a cabeça para cima por qualquer motivo, farejou o vento, depois pregou seus olhos em Mokryna e, como se tivesse lido nela o que devia fazer, cambaleou para a porta do galpão. De lá, segurando com uma mão uma pá e com a outra um machado, chapinhando e respingando, veio até a rua, trocando as pernas, metidos os pés descalços em velhas galochas.

— Bom domingo! . . .

— Também lhe desejo, — saiu voando junto com as cascas. — Que diabo o trouxe para fora? Um doente precisa ter juízo e não arrastar-se por aí. . .

— Depois da ventosa de Martyniuchka e das injeções da médica estou um touro! . . . Além disso, é muito necessário. . . — levantou um pouco as mãos e mostrou a pá e o machado.

— Que precisão tão repentina? “Muito necessário”, — zombou sem maldade a velha Mokryna. — Toda a gente está no domingo, e ele, Deus me perdoe, endiabrou-se com a pá e o machado. Talvez esteja com idéia de fabricar uma privadinha?

— Descanse, descanse, não tenha medo: não é por causa disso que ando com a pá e o machado. — Devagar, mas com energia, ele passou arranhando a rua com os pés até Mokryna, encostou-se junto dela contra a cerca e olhou com implicância seu cercado.

— Vou tirar a cerca.

— Oh! Mas por que?

— Não vou dizer, — sorriu Ryghor.

— Pois então não diga.

A velha tirou dos galos um punhado de sementes e ofereceu a seu vizinho.

— Talvez vá contar mesmo? Vejo que está todo aceso.

— Não me vai subornar! Com que devo abri-las? — Ryghor mostrou diante da velha o ancinho quebrado de seus tocos amarelos.

— Cruz credo, que dentes! — espantou-se a velha. Por que será que são assim? É tão mais jovem do que eu!

— Sei lá por que castigo são desse jeito? Desde criança choro por sua causa. Alguém deve te-los amaldiçoado...

— Então, arranque e mande botar uns de gente... Veja, — ela chegou a erguer-se na prancha e bateu nos próprios dentes. — Quando moça, não tive iguais. Posso morder casca de nozes... Por que não os encomenda para si, será que tem filhos pequenos que o prendem à casa?

De novo fincou-se na prancha, pegou nas sementes e fez uma demonstração; a casca voou como uma meada no fuso, zunindo.

— Viu? — Toda aldeia já sabia sobre os dentes da velha, e Ryghor a interrompeu.

— Vi. Parece que está adivinhando por que pretendo tirar o cercado...

— Bem, vejo que está todo aceso, todo como cheio de pluma.

— Pois tenho motivo para isso. Amanhã Petró vem de licença à minha casa com a nora e os netos.

Parou o fuso da velha.

— Que visitas!... Mas só não me entra na cabeça, por que está tão doido pra tirar o cercado?

Será que a nora pastou tanto que nem passa mais se espremendo pelo portão?

— A nora passará pelo portão, e se não passar, podemos empurrá-la todos juntos. Mas vêm com seu próprio automóvel. Petró comprou um “Volga”... É por causa disso que tiro o cercado. Pois é! Como vai entrar? Ficarão aqui um mês, e no seguinte irão de carro para a estação de águas, na Criméia...

A velha esqueceu inteiramente as sementes; Ryghor o notou e seu coração paterno rejubilava. Tornou-se importante, falando só das visitas, de Petró, da nova aquisição...

De detrás da esquina veio rolando para a frente um grupo de moleques, colados em volta de uma motocicleta. Empurraram-na com todas as forças, gemiam até, pois por qualquer motivo ela empacou. Atrás dessa procissão, formando uma cauda barulhenta, corria um bando de pequenos. De vez em quando um deles alcançava o grupo e se dispunha a empurrar também, e quando não conseguia penetrar através dos corpos até à motocicleta, dava socos com suas mãozinhas contra qualquer um e em qualquer parte. A motocicleta chegou a pegar. Tossiu asmaticamente, roncou e se arrancou das tenazes das mãos, como que tomada pelo diabo. O motociclista, também um meninote, que não era visível atrás dos corpos, gritou algo a seus colegas, cujos olhares se fixaram nele arregalados de entusiasmo e de inveja infantil. Não podiam desprendê-los daquela máquina. Corriam ainda atrás dela. A cauda formada pelos menores, depois da inércia, passando pelo centro do grupo, correu ainda mais impe-

tuosamente atrás da motocicleta. O enxame que ainda se prendia nela há pouco dispersou-se lentamente, como se tivesse perdido a rainha. O cansaço substituiu o entusiasmo recente, e à inveja infantil seguiu-se a tristeza das crianças, do mesmo jeito passageira.

— De onde Churkó de Liksandra conseguiu uma motocicleta? — interessou-se a velha Mokryna.

— Eles têm visitas, vindas de Ivankiw. Uma lambreta está ainda no pátio, — reportavam os meninos à velha. — Permitiram-lhe dar uma volta de motocicleta.

Ryghor sorriu para si mesmo e disse em voz alta:

— Então, passem aqui, mecânicos! Passem, passem: tenho que ter uma consulta séria com os mecanizadores...

Chegaram todos junto da prancha da velha.

— Que consulta é essa, Ryghor?

— Devo tirar o cercado e tenho um pedido para vocês.

— Ha-ha, tirar o cercado?... Isso bem que sabemos fazer!... Mesmo a casa podemos por abaixo até a adega...

— É só deixá-los à vontade, — escapuliu voando em centelhas por detrás das filas brancas. A velha Mokryna sacudiu a cabeça.

— E para que tirar o cercado? Está preparando um curralzinho ou outra coisa qualquer? — piscou ironicamente um meninote saliente. Nem sabia com que prazer Ryghor respondia a esta pergunta.

— É verdade, um curralzinho. Meu filho vem de visita. — E tendo esperado um instante, Ryghor com seriedade tossiu dentro da mão, dizendo então: — No seu “Volga” bem novinho... Logo debes tirar a cerca, Ryghor... E vocês, mecânicos, mostrem que largura de portão é preciso para um “Volga” passar. Não é uma motocicleta ou uma lambreta qualquer...

— Talvez seja emprestado, não seja dele? — piscou novamente o olho provocante do menino metido.

Ryghor fazia de conta que não ouvia, — até Mokryna sorriu; ele rejuveneceu, mal se percebia que há pouco se segurava pelo meio do corpo, e caminhou da prancha da velha até o seu cercado. Atrás dele — os meninos e as faíscas chiantes da vizinha. Bateu com um cajado contra os postes:

— Vamos, meninos, mostrem o que são! —

A molecada agarrou-se ao trançado da cerca, uns ao vime, outros aos postes; mal os sacudiam arrancando, e foi-se o cercado.

— Para cá, para cá... coloquem aqui, — aza-famava-se Ryghor.

O pátio, coberto com uma colcha verde, parecia ter sacudido as algemas. Nos seus cantos, agrupando-se diante do céu em um banquete, estavam acoradas as frondosas groselheiras. Seus olhinhos luzentes captavam tentando os olhares da molecada, convidando-os para hospedar-se sobre a coberta verde.

O próprio pátio sem cercado pareceu a Ryghor estranho, mais amplo, fora de comum... Nesta estranheza havia algo de suas queridas visitas es-

peradas. Batia-lhe no peito uma alegria ainda maior, tirando-lhe o fôlego. Já há cinco anos não via seu filho...

— Olá, mecânicos! Para as groselhas! — explodiu a alegria de Ryghor sobre os meninos.

Preocupava-se apenas com um fato:

— Será que o “Volga” terá bastante lugar para passar?

— Pois é claro que terá! — respondeu com autoridade um meninote de mangas arregaçadas, de mãos e nariz lambuzados de graxa. — Mesmo eu o poderia fazer entrar aqui, apesar de não ter tirado ainda a carteira...

Mas Ryghor não se tranqüilizava. Estava no centro da clareira como um galo no portão e sem cessar perturbava os que passavam. Perseguia a uns perguntando se tinha aberto a cerca o bastante para a passagem do “Volga”. Quem, no entanto, tinha a imprudência de tocar no assunto, logo se arrependia: tanto lhe enchia ouvidos sobre o “Volga”, as vistas, o filho... E Ryghor falava e continuava a falar sem parar e sem se cansar...

Começou a escurecer, o povo sumiu das ruas. A velha Mokryna acabara há tempo de descascar suas sementes e foi para casa, contendo o sorriso de suas belíssimas filas de dentes; sentia-se um pouco envergonhada pelo vizinho... Ele ainda estava de pé, com a esperança de compartilhar com alguém ou de gabar-se simplesmente de sua alegria...

Porém, nem no outro dia, nem no seguinte apareciam as visitas de Ryghor. Não vieram nem depois de uma semana. O pátio permanecia na mes-

ma, escancarando aos transeuntes sua abertura sem cercado.

A velha Mokryna não tinha sossego: onde se demoravam aquelas visitas com seu “Vólga”? Ela espreitava cuidadosamente atrás da casa vizinha, e Ryghor parecia também ter submergido na água: não se mostrava no pátio. A velha não agüentou. Foi perguntar ao vizinho se não lhe tinha emprestado sua peneira e como ia a dor que o atravessava. Encontrou-o metido no mesmo casaquinho, com as mesmas galochas sobre os pés descalços. Estava sentado junto do parapeito, num banco comprido, e olhava indiferentemente as galinhas, numa dança vagarosa de ruína, bicando bagos das groseleiras. O pescoço seco de veias salientes, com uma profunda ruga no cangote, virou-se de maneira igualmente indiferente para a velha Mokryna.

— Está apascentando galinhas?

— Estou.

— Eu vim perguntar se não lhe emprestei por acaso, minha peneira?

Ryghor sorriu tristemente e fitou-a nos olhos. A velha se arrependeu de ter perguntado por aquela peneira maldita que estava pendurada agora no prego da sua despensa.

— Minhas visitas não vêm mais, — respondeu Ryghor, como se Mokryna tivesse perguntado por aquilo mesmo. — Não vêm mais. . . Escreveram que vão viajar por um caminho mais curto à estação das águas. Por aqui teriam que fazer um desvio. . .

De novo sorriu com tristeza. Mokryna, ouvindo isso, cruzou os braços sob o peito e começou a catar na sua lembrança de velha aquelas palavras que deveria dizer agora a Ryghor.

VASSYL SYMONENKO (1935-1964)

Seu “auto-retrato”: “Acima de tudo, amo a terra, os homens, a poesia e... a aldeia Biewtsi, na região de Poltava, onde minha mãe me deu a vida. Detesto a morte. Temo amigos não sinceros. Nada mais tenho que dizer sobre mim.”

Symonenko estudou jornalismo em Kiev, depois trabalhou em Tcherkassy no JORNAL TRABALHISTA. Era poeta, escritor e homem de grande retidão e modéstia.

Seu estilo é sucinto; suas frases curtas e transparentes transmitem de maneira dramática a mensagem do autor que foge ao sentimentalismo, sem perder a emoção.

Durante sua vida foram publicados somente a coletânea de poesias SILÊNCIO E TROVÃO (1962) e dois deliciosos contos de fadas; O REI CHORÃO E O FAZEDOR DE CÓCEGAS (1963) e A VIAGEM AO PAÍS DE CONTRA (1964). Postumamente apareceram: A GRAVIDADE TERRENA (1964), VINHO DE ROSAS (1965), do qual foram selecionados os seguintes contos, e POESIAS (1966).

GALOS BORDADOS NAS TOALHAS CANTAVAM

Vassyl Symonenko

As pernas de Onyska se tornavam rígidas quando ressoava perto a voz dele. Sempre que passava por ele, ficava meio amortecida e não ousava nem mesmo mover a sobrançelha em sua direção. E Victor gritava-lhe:

— Onyska! Quando é que vai confessar que me acha o mais bonito de todos?

— Quando você tirar um balde de leite do úbere de um bode! — ripostava a moça.

— Eu não vou correr atrás de você, — zombava o rapaz. — Vou chegar lá, simplesmente, e pedir você em casamento.

— Apareça, que as abóboras¹ cresceram bem bonitas! — respondia ela, peneirando cada palavra, retendo por trás da brancura dos dentes a ofensa, a dor e a esperança.

As vezes, as moças da ordenha perdiam a paciência e começavam a defender Onyska:

1) A abóbora é o símbolo de recusa em pedido de casamento

— Você não vale nem o dedo mindinho dela! — diziam a ele.

— Bah! Basta eu piar e ela vem correndo como uma galinha choca, — não cessava de dizer o gallo.

— Pois tome cuidado para não acabar chocando os ovos, — cortava Onyska no meio de gargalhadas gerais.

Só ao pai Onyska pôde confiar quanto lhe custavam aquelas respostas prontas. O pai era extremamente jovem. Fora à guerra com trinta anos de idade e assim permanecera para sempre. Onyska, muitas vezes, desejava vê-lo grisalho e bigodudo. A mãe aceitou a velhice, mas o pai permaneceu jovem. O tempo não tinha mais poder sobre ele.

— Pai, como é duro — dizia Onyska, suas tranças caindo em abandono até à cintura. — Como gosto dele e como o odeio! — batia seu pé. Que devo fazer, meu pai? — Mas o pai calava. Então, os arcos das sobrancelhas se franziam sobre o nariz arrebitado, e os cílios batiam muito rapidamente, impelindo de volta as lágrimas desobedientes.

As madrugadas de outono eram aflitivas como pesadelos. Com os olhos sonolentos Onyska apalpava sua profundidade cinzenta e mergulhava em sua angústia. No caminho da fazenda continuava a sonhar seus devaneios de moça.

Certa vez Victor despertou-a:

— Por que anda como uma sonâmbula? — riu-se bem junto de seu ouvido, e Onyska sentiu as pernas ficarem rígidas. No entanto, a cabeça e a língua não ficavam rígidas jamais.

— Escute aqui, por que você engatinhou tão cedo para fora de suas fraldas?

Ele ficou calado e depois, timidamente, tomou-lhe a mão. Onyska não teve nenhum desejo de retirá-la.

— Nunca pensei que você tivesse mãos tão finas...

— Matuto não acredita sem primeiro apalpar, — escondeu a decepção na zombaria.

— Quer ser minha mulher? — lançou Victor de repente, sem preâmbulo. — Quer?

— Talvez eu queira ser sua ama-seca, — conseguiu libertar a mão e pôs-se a andar como pisasse lâminas cortantes.

— Então, eu vou pedir você em casamento, — disse ele, como se não tivesse ouvido suas palavras e, tão rápido como surgira, desfez-se na cinzenta transparência.

Durante a semana toda, por onde quer que Onyska andasse, os murmúrios e risadinhas rastejavam-lhe atrás. Sob os olhares ostensivamente curiosos, seus ombros se encolheram e a ofensa lhe oprimia os pensamentos: “Ele espalhou pela aldeia inteira”. O sofrimento lhe apertava fortemente o peito.

No sábado, Victor veio, com a boina do lado, sapatos de verniz brilhantes de lustrar, belo e lambido como um cartaz. Sentou-se à vontade no banco, as pernas cruzadas, como se quisesse exhibir as botinas novas. Começou logo uma conversa vazia com a mãe. Falava muito, gabando-se abertamente, e depois, assim como por acaso, disse:

— Vim, agora, pedir em casamento sua Onyska...

Surpresa, a mãe ergueu a cabeça e disse ofendida:

— Desde quando, Victor, estas coisas são negociadas com os pais? Onyska tem sua própria cabeça no pescoço. — E para acentuar sua não participação no que se passava no interior, saiu devagar para o pátio.

Os dois ficaram sentados em casa, longo tempo calados. Nas toalhas, os galos bordados cantavam, e seu canto silencioso ressoava nos ouvidos.

— Então, Onyska, o que me responde? — preocupada de longe desliso, a voz de Victor.

— Você não me perguntou nada.

— Sabe por que estou aqui. — Olhava-a com um jeito tão suplicante e culpado que seu corpo todo se encheu de um desejo sonolento.

— Ainda nem abriu caminho até a minha porta e já bate no meu coração, — disse sacudindo a inércia.

— Mas você me ama...

— Como sabe? — levantou os olhos zombando.

— A aldeia toda afirma...

— É, mas há uma pessoa que não diz isso, — Onyska atirou o bordado sobre a mesa, sem saber o que fazer com as mãos. As íris castanhas se acenderam de ira. Victor parecia vê-la pela primeira vez.

— Você é capaz de me fazer passar vergonha diante da aldeia inteira? — escapou-lhe, mas logo compreendeu a tola mesquinhez de sua pergunta.

— Bem que você mostrou quem é! — lágrimas, escorreram dos lábios dela. — Vá embora, pode colher no canteiro quantas abóboras quiser. Pode trazer até a carroça para apanhá-las.

Assim Onyska zombava de seu próprio sofrimento.

— Uma é pouco para você. Leve a carroça cheia, para alimentar com elas o seu orgulho...

Ele partiu, curvado, como se de fato carregasse nas costas uma carroça cheia de abóboras.

Onyska soluçava sobre o bordado.

AS BODAS DE OPANÁS KROKVA

Vassyl Symonenko

Ninguém compreendia o que o esgalgado carasco de costelas à mostra estava a vociferar. Todos, porém, viam as serpentes que de sua boca saíam se retorcendo. Por longo tempo ficaram os silvos nos ouvidos. Depois, o assustado professor da aldeia vizinha pôs-se a traduzi-los para a língua de gente.

— Diz ele que junto ao povoado de vocês foram, ontem, baleados três soldados. Se tivesse sido aqui, matariam todos vocês, mas, sendo assim, só desejam enforcar aqueles cujos familiares fazem parte da resistência. Se não entregarem os parentes dos “partisans”, todos serão liquidados.

Duzentos velhos, mulheres e crianças, de pé sob um sol de louca ardência, tranzidos de frio. Fios de gelo escorrendo das bocas negras de metralhadoras e canhões, apontando para todos e para ninguém em particular. Sobre a multidão pesava o calor de antes da colheita e o silêncio de antes da morte.

Da boca do oficial estrangeiro, novamente saíam as serpentes.

— Ele diz que vocês podem continuar calados ainda mais dez minutos, depois vai dar ordem para atirar.

Durante dez minutos sobre as testas as rugas se movimentavam, dez minutos gotejava o sol em silêncio, dez minutos os olhos endurecidos do povo penetravam as moitas de espinheiro como se quisessem encontrar nelas salvação. A multidão, depois, se agitou, o pequeno lago humano lançou para fora, num esguicho, o milenário Opanás Krokva. Ele esqueceu-se até mesmo de inclinar-se diante do povo e caminhou direto ao professor.

— Diga a esse filho de cadela que foram meus filhos que mataram aqueles bastardos. Diga ainda que não me batam porque sou lazarento. Que me enforcem de uma vez.

— Quantos filhos tem na floresta? — o professor traduziu a pergunta do oficial estrangeiro.

— Pois lá estão todos, até o último.

— Quem ficou em casa?

— Havia a velha, mas morreu.

— Que tua língua fique seca! — Do agrupamento saiu se espremendo uma cinzenta figura de mulher, talvez um século apenas mais moça que Opanás.

— Ele me põe ainda viva na cova e, além do mais, em público! Não escapas de mim, capeta, nem mesmo para o outro mundo!

O oficial estrangeiro riu-se muito, gostosamente, quando o professor lhe traduziu essa fala da velha.

— É sua mulher? — perguntou a Opanás.

— Pois claro. É minha. De quem mais seria?

— É verdade o que disse o velho, que seus filhos estão na resistência? — perguntaram à velha.

— É verdade. Será que um sujeito desse tipo poderia mentir? Todos os nossos falcõezinhos têm o ninho na floresta...

Foram enforcados num olmo enorme junto do que tinha sido outrora igreja. Com olhos espantados fitavam o povo que haviam salvo e punham suas mordidas línguas azuis para os carrascos.

Desde que nascera, Opanás Krokva jamais tivera filhos, e a velha Oryssia que partilhara da corda não era sua esposa.

Dizem que, na juventude, eles muito se haviam amado e queriam casar-se, porém os pais não permitiram. Casaram Oryssia com um ricaço.

Talvez isso fosse verdade e talvez o sonho humano formasse uma nova lenda sobre o grande amor que no leito de morte iniciou a vida.

VASSYL ZAKHARTCHENKO (1936)

Nasceu na região de Poltava. Estudou jornalismo na Universidade de Kiev, trabalhando em seguida na redação de vários jornais. Seus contos tratam, em geral, da aldeia ucraniana sempre sofrida que conserva a tradição — fonte bemfazeja num mundo sintético e sem alma.

Coletâneas: RAÍZ CANTANTE (1964), BONDE ÀS SEIS DA TARDE (1966), ATALHO (1968).

CHEIRO DE BÉTULA

Vassyl Zakhartchenko

A mãe tem mãos quentes, ásperas. À noite, elas incharam; Serghy está vendo com que dificuldade a mãe curva seus dedos rachados para amarrar o requeijão no pano.

— A senhora deveria passar um pouco de gordura nelas, — diz-lhe.

— Já passei nata de leite, não adianta. E vaselina, e ainda aquele creme que trouxeste. Parece-me que o creme não foi feito para minha pele. Que adianta passar creme de noite, se de madrugada as metes ora na água fria, ora na quente. E quando clareia, corres para o campo, o dia inteiro ao vento, na geada.

A voz da mãe é baixa, um pouco enrouquecida de sono. Toda ela é pequena, ressequida, corre ligeiro pela casa que esfriara de noite, metida no seu casaquinho e botas de feltro. A luz elétrica, sua face aparenta ser mais jovem do que é na realidade, por isso Serghy não quer acreditar nas primeiras rugas

que a vida já teceu em torno dos olhos azuis. Parece que a mãe aperta os olhos com a luz.

A mãe envelhece... “Tenho ainda meio ano para terminar o instituto técnico”, pensa Serghy. Meio ano. Depois irá ajudar em vez de tirar da casa, cada segunda-feira, a cesta cheia de pastéis, creme de leite, requeijão e outras coisas.

— Então, meu Serghy, toma teus livros e vamos embora — diz-lhe a mãe. — Logo serão seis horas. Seria bom não perdermos o ônibus.

Vão pela neblina densa. Ainda está escuro, e no princípio, mal cessa a luz da casa, não se vê o caminho. Quando os olhos se acostumam à escuridão, começam a tornar-se cinzentos os vestígios dos trenós na superfície lisa da neve, marcada pelas pegadas.

Alcançam o bosque, atrás do qual corre a estrada. Serghy poderia chegar sozinho até ao asfalto, mas a mãe por nada deste mundo concorda em despedi-lo àquela hora.

— Sou já maior do que a senhora, minha mãe, — Serghy esforça-se por persuadi-la. — O que vai acontecer comigo?

— Não digas, meu filho. Está escuro, isto é mata, há homens de todo jeito. É melhor acompanhar-te. A minha alma vai ter descanso.

Assim, eles andam cada segunda-feira de madrugada: a mãe baixinha e o filho uma cabeça mais alto. Junto do bosque a mãe pára. Serghy proíbe-lhe energicamente ir adiante, pois nota que ela mesma está receiosa. E o bosque tem uns trezentos metros de largura.

— Quando passares, meu filho, assovia, para eu saber que tudo está em paz, — pede-lhe a mãe.
— Vai, vai, boa sorte.

Ele caminha através da mata e a mãe fica de pé no nevoeiro. Ele se apressa, pois sabe que ela espera por seu assovio. Eis o último framboezeiro, adiante corre o asfalto. Inesperadamente do meio da névoa ouve-se um riso sonoro:

— Serghy! Serghy! Já estou aqui! Ha-ha-ha!
— ecoa pela floresta, vindo de baixo das bétulas e perde-se ao longe, na estepe.

— Zinka! — exclama Serghy, rindo também e correndo para o cruzamento dos caminhos.

— Serghy!

Ele pega nas suas mãos pequenas, enregeladas no nevoeiro úmido, leva-as aos lábios e começa a esquentar com seu hálito.

— Você queria ir ontem com o ônibus da tarde.

— Queria, mas não fui, — responde Zinka.

Ele alegre-se muito de ela não ter ido. Só pensar que vão ficar sentados um junto do outro uma hora inteira no ônibus meio escuro!

O nevoeiro se acende de vagalumes amarelos e verdes. Surge o ônibus, freia, desajeitado desliza pelos trilhos no asfalto úmido e pára diante deles. No ônibus, Serghy continua segurando suas mãos e sente como elas se aquecem. Ela está sentada bem quieta, feliz e alegre e sente-o acariciar suas mãos. A neblina azul além da janela. Começa a clarear no ônibus vazio. Já se pode bem perceber o único passageiro barbudo que dormita, debruçado sobre o encosto do primeiro banco.

Serghy faz deslizar os dedos pelas palmas macias de Zinka e sente um arranhão no seu indicador. Então lembra-se das palmas ásperas de sua mãe, lembra-se de que esquecera de assoviar depois de ter atravessado o bosque. A mãe, certamente, por muito tempo permanecera na névoa a escutar. Depois fora devagar embora, de cabeça baixa.

Zinka está junto de Serghy e continua feliz e alegre. O ônibus corre pelo nevoeiro que se põe todo azul, e este azul respinga timidamente nas vidraças trémulas.

...Na segunda-feira seguinte de madrugada, a mãe, de novo, expede Serghy. Quando tudo já está amarrado, embrulhado no jornal, posto na cesta, ela se endireita, olha Serghy de baixo com olhos úmidos e diz:

— É hora, meu Serghy...

Ele está de pé, olhando a mãe. Ela lhe sorri, os cantos dos olhos dela se enchem de lágrimas.

— Mãe... — ele abraça seus ombros magros.

— Vai, meu filho, é hora.

De repente seu olhar envolve Serghy todo, e pela primeira vez ela nota seus sapatos de couro de porco cuidadosamente lustrados, suas calças de algodão bem passadas, o casaco gasto de uma fazenda firme como a farda de um condutor de trem e um boné cinzento, pelado.

— Espera um instante, — acorda, levanta a tampa do cofre e tira de lá algo que ofusca Serghy.

— Toma, comprei aqui na loja, — estende-lhe uma boina.

Ele coloca no banquinho seu boné amarrotado e põe na cabeça a novidade. Olha-se no espelho

manchado na parede e mal se reconhece; é como se tivesse crescido uma cabeça mais alto. A boina é felpuda, feita de um animalzinho qualquer de pele amarelo-avermelhada.

— Obrigado, mãe...

Ela o olha como se estivesse a dizer-lhe adeus.

— Vai, meu Serghy.

Serghy sai silenciosamente de casa, passa o pátio e, da mesma maneira, em silêncio, fecha atrás de si a porta, apressando-se pelo caminho, com cuidado pisando a superfície lisa da marca carimbada na neve pelo trilho do trenó. É degelo, nos ramos tremem milhares de gotas invisíveis de orvalho. No nevoeiro, os ramos tocam Serghy, molham-lhe o casaco, as mãos e a friagem respinga sua face quente. A cabeça sente calor na boina nova. Lembra-se das lágrimas nos cantos dos olhos da mãe, emoldurados por rugas finas. No bosque, a casca das bétulas exala, e, por causa disso, talvez, pensa nos arbustos úmidos à beira do rio e nas primeiras folhas de chicória que espontam na grama molhada do ano passado.

— Serghy! Já estou aqui! Ha-ha-ha! — ri Zinka.

— Zinka! — exclama Serghy e corre para o asfalto, onde a estrada se cruza com o caminho da sua aldeia. Toma suas mãos pequenas e sente como se aquecem nas suas palmas largas.

Estão ouvindo o silêncio da madrugada. Na floresta as bétulas acordam, a casca úmida exalando seu cheiro.

YEWGHÉN GHÚTSALO (1937)

Nasceu na região de Vínnytsia, filho de um professor. Terminou o instituto pedagógico de Nijyn e trabalhou como redator de jornais para a juventude. Foi membro de redação de UCRÂNIA LITERÁRIA.

Livros: HOMENS ENTRE HOMENS (1962), MAÇÃS DE POMAR OUTONAL (1964), O VEADO AUGUSTO (1965), BANHADA NA LIGÚSTICA (1965), OS CAVALOS PASSARAM VOANDO (1966), LENÇO DE SEDA VERDE (1966), POLPA DE NOZ (1967), ZONA MORTA (1967), A CHAMA DO LAR (1968), NA ALDEIA DAS CEGONHAS (1969), OS PEREGRINOS (1969), CHEIRO DE ANETO (1969).

Ghútsalo iniciou sua carreira literária como poeta lírico, mas fixou-se na prosa. Ele evita grandes impactos dramáticos, preferindo deter-se em estudos dos personagens no seu meio-ambiente. Seu estilo é caracterizado pelos períodos longos e muito elaborados, onde se encaixam paralelismos e motivos repetidos com variações.

LICORA

Yewghén Ghútsalo

Durante alguns dias a velha Licora visitava todos os seus parentes e vizinhos. Magra e curvada, com uma eterna insatisfação que se escondia nas comissuras dos lábios e no apagado dos seus olhos, outrora inferno azul, a velha tornava-se boa durante as visitas. Parecia iluminar-se, suas pernas com veias salientes trotavam mais alegremente, a espinha se endireitava e aquela insatisfação se transformava, como ao acordar, e a tornava mais animada e até um pouco mais jovem. Ela estava sempre tremelicando toda: tremia seu peito escuro e cavado, tremiam as mãos, bamboleava o pescoço e nele balançava para cá e para lá a cabeça teimosa. Mas então, a velha se tornava mais elástica, a doença dela se evolava. Toda ela não se assemelhava mais àquela maldita bruxa Licora, como a conhecia a aldeia inteira... Entrava em qualquer casa, sentava-se no banco e olhava em torno. Depois de ter tagarelado bastante sobre isto e aquilo e mais aqui-loutro, depois de ter calado suficientemente, decla-

rava finalmente a razão pela qual tinha percorrido metade do povoado.

— Vou à casa do meu filho, — dizia ela e observava atentamente que impressão isto causava aos donos. Apesar de ter anunciado esta nova mais de uma vez, no entanto até ela própria chegava a se inflamar com seu brilho e sua solenidade, como se a pronunciasse pela primeira vez. Principiava, então, a contar como concebera tal pensamento. Como a galinha de Ghorpyna ciscava e chocava no seu canteiro de papoulas. Como tivera uma bate-boca com Ghorpyna e depois, a noite toda, não pudera pregar olho. Antes do alvorecer adormecera, finalmente, sonhando que seu filho, ainda pequenino, se emaranhara nas gavinhas de abóbora, com uma abelha voando em cima: o coitado agitava pés e mãos, gritava, mas não se podia libertar das gavinhas.

— Pois eu preciso ver se não lhe aconteceu qualquer coisa de mal, Deus o proteja!

Se a velha chegava naquela casa na hora da merenda, os donos a convidavam para merendar, e, se chegava na hora de almoço, convidavam-na para almoçar com a família. Licora pegava na colher e comia contando que, quando pela última vez visitara o filho, ainda no inverno, quase gelara no brejo e por pouco não fora sepultada pela neve, mas agora era verãozinho, fazia calor, ia partir de madrugada e chegaria antes de anoitecer. Se cansasse, repousaria, pediria água às pessoas e, se o calor do sol a deixasse tonta, deitar-se-ia na sombra.

— É bem longe, — diziam-lhe.

Era verdade, concordava a velha, o caminho era longo, ia machucar os pés, mas ainda tinha forças. Na Epifania estava sem préstimo, vivia deitada sobre a lareira, todo o corpo lhe doía, sentia náuseas, mas agora tudo estava bem: sozinha revirara a terra na horta, plantara, arrancara ervas daninhas e afofara a terra em torno das plantas. Agora justamente estava a clarear o linho, a andar até a floresta para buscar lenha, pois pedira ao brigadeiro uns gravetos e ele respondera: “Estamos na temporada, o trabalho está a ferver, e você, velha, não faz parte de *kolkhoz*, tem que esperar”. No entanto, tinha que aquecer o fogão com qualquer coisa, pois por si mesmo não podia ele ferver e cozinhar. Assim a velha era obrigada a andar com suas pernas endurecidas para buscar lenha... Ainda bem que não trabalha no *kolkhoz*, pois já trabalhou bastante, que cada um gaste tanto seus braços quanto ela! Será que ela não amarrava os feixes, será que a poupavam com a sua parte na colheita de beterrabas, será que não as arrancava? Quando os dedos estalavam de frio como galhos, não se sujava ela junto do gado, não apodrecia no estrume, não limpava leitões, não pernoitava no chiqueiro quando a porca começava a dar cria? Tudo aquilo ela carregava na sua corcunda, pois após a guerra todos, não só ela, passavam necessidade.

— Agora que fiquei velha, ao menos vou descansar, — dizia. — Pois nunca tive descanso.

Agradecia a hospitalidade, o pão, e ia embora. Quando encontrava alguém na rua, ou percebia na

horta, ou avistava junto do poço, ou na pinguela sobre o rio, demorava-se e seu fogo interior se acendia ainda mais; então, já de longe iniciava a conversa: a quem vira hoje, quem dissera isto e aquilo, e que Kovalykha vivia na miséria — a filha já estava escarrando sangue, e que Yewryk Ilkó — o danado — fora correndo, brincando, atrás da garota de Martocha e esta havia ferido o calcanhar num vidro, agora o pé tinha inchado e, provavelmente, tinham que levá-la para o hospital. Depois de ter contado notícias já conhecidas e ouvido umas não menos importantes, que Kovalykha, quando moça, andava fraca também e que seus filhos saíram doentes, que aquele Ilkó Yewryk era um malandro, um João Ninguém, que não queria se casar e só vivia encostado por aí, e que a garota de Martocha era uma moça bonita, só que sua perna direita era mais curta do que a esquerda (qual fora mesmo a que ela havia machucado — a esquerda ou a direita?), então a velha Licora contava como se a galinha tivesse sido de propósito aconselhada, quase que com gosto mandada, pois por que ela, dia a dia, ia sempre aos canteiros de papoula dos outros, como se não tivesse lugar de ciscar e cavar a terra e mesmo fazer ninhos nos canteiros de Ghorpyna! Licora se exaltava, porém não perdia com isso nada da luminosidade que banhava seu rosto. Apenas, esta luz, agora, se tingia com a cor de beterraba, tornava-se mais intensa, mas toda aquela cor e intensidade passavam, quando a velha se lembrava das gavinhas de abóbora, nas quais se emaranhara seu filho, e da abelha que rondava acima dele, esforçando-se por picá-lo.

— Estou juntando presentes, irei visitá-lo.

No primeiro dia a velha conseguiu passar por muitas casas, falar até ficar zozza, e à noite sua cabeça começava a chiar como uma caldeira. Uma caldeira, comprada há pouco na feira: branca acinzentada, ainda não lambuzada pelo transbordamento e não escurecida pela fumaça, não mordida pela chama, que ressoa límpida e tristonha quando se lhe dá um beliscão ou um peteleco. Assim zunia a cabeça da velha, de alegria por ter tanta gente escutando falar sobre seu filho: este zunido não esmorecia nem mesmo de noite, a velha escutava-o e, de manhã, sua cabeça também ficava ensopada com um toque de sino bem audível, tanto que lhe parecia às vezes ser o dia que assim repicava, aldeia que apitava, as árvores que zumbiam, os homens que borborinhavam, a rua que cantarolava, o viburno além da horta que badalava. Mas logo em seguida todo seu ser se dedicava à lembrança do filho e, encostando a porta, ia até o poço. Ia sem pressa, de propósito, para encontrar mais pessoas. Já na fonte, longamente desenrolava a corrente, devagar fazia descer o balde e, quando este se enchia de água, olhava ora nesta, ora noutra direção, ou afogava seu olhar nos sítios alheios. Quando voltava, era a primeira a cumprimentar até as crianças, e a vara com os baldes nos seus ombros balançava gentil e graciosa. Alegrou-se com o dia que tinha à sua frente, pois que naquele dia iria encontrar muitas pessoas, e a muitas outras visitaria e ainda a outras falaria sobre aquilo que lhe tirava o fôlego, que a forçava a resplandecer. Não se preocupava por ninguém lhe perguntar pelo filho, por calarem, por des-

viarem os olhos e, às vezes, até abrindo a boca para dizer alguma coisa, conterem-se, enfim. A velha quase não o percebia, pois não dava tanta atenção às pessoas quanto se aprofundava nos seus sentimentos, na sua vontade de visitar o filho.

De noite sonhava que estava a caminho: A estrada é muito larga e limpa, densamente coberta com raios de sol sequinhos, e ela anda com passos miúdos, mexendo as pernas, mal as sentindo. Em torno borborinha a colheita, passam carroças com feixes, o sol é um feixe quente, e o lenço da velha exala cheiro dos campos. E, de repente, a estrada não é mais estrada e sim um rio, e o sol não é mais sol e sim uma canoa, e ela voga naquela canoa. Sente calor e mais calor, já quase arde, então acorda.

Seu coração batucava-lhe no peito, ela tremia inteirinha como no impaludismo, parecia-lhe estar toda queimada. Apalpava seu corpo, mexia com os lábios, escutava o sangue bater nas veias, o medo a trespassava, pois que não conseguira chegar até o filho.

De manhã começava a se preparar. Matava algumas galinhas e as assava. Espremia o queijo, cozinhava lazanhas e fritava pastéis. Tirava de debaixo do banco empoeirado um barrilete com vinho de cerejas azedas do ano passado, cheio de teias de aranha, e derramava até encher um garrafão verde. Do sótão escuro trazia para baixo, no avental, nozes e as esfregava com um pano molhado. Dos canteiros colhia novos pepinos com lados brancos e amarelos. Sacudia no pomar as macieiras e as maçãs tomavam um curto fôlego, caindo em seguida sobre a terra adormecida.

Colocava tudo aquilo na cesta, e o que não cabia era metido numa sacola velhinha e muito remendada, mas primeiramente lavada no lago, pois que antes carregara nela umas galinhas rebeldes.

Quando os presentes estavam prontos, não encontrava mais sossego. Onde passava, para onde se virava, tudo a aborrecia: tinha que estar na adega, não na entrada; estando na entrada, queria já se encontrar no galinheiro; no galinheiro não havia o que fazer, então ia cuidar de seu cânhamo. Assim rodopiava o dia todo, até que de novo passava pelas casas e pelas pessoas.

— Amanhã vou-me embora, — anunciava a cada um; parecia um tanto empalidecida pelas coisas passadas, ainda mais submersa em suas preocupações, sem dar atenção à surpresa nos rostos dos outros, à falta de compreensão da chama acesa das pupilas.

— Estou partindo amanhã, — dizia Licora. — Arrumei os presentes, pois o que é meu é para os meus, o que vem da casa da mãe, tem melhor gosto, que lhe aporveite bem. Fritei franguinhos, apanhei nozes. Ainda bem que no outono fomos colher nozes com Kovalykha, na floresta; havia tantas que pareciam granizo. Neste verão tivemos menos, mas antigamente havia tantas e tão grandes, com bastante polpa; quando a gente as fritava, explodiam como tiros...

A velha falava já sobre as nozes. E sobre bolotas de carvalho... Sobre os silvestres caminhos outonais, azuis de geadas, que mordiam os calcanhares, quando ia colher todas aquelas coisas. Plantara um carvalho além da horta onde estava o viburno

— cresceu. Espichou-se aos poucos da terra, até sua casca ranger. Tudo aquilo, para o povo, era mais agradável de ouvir; agora já não lhe davam as costas e contavam também sobre seus carvalhos, pois quando as crianças nascem, a gente planta árvores.

Assim que chegava a madrugada do estio, a velha partia. Salgueiros na estrada, acabando de sonhar, banhavam-se em orvalho e, refrescados, exalavam uma umidade cinzenta. O céu enrubecia, as chaminés bocejavam com a primeira fumaça, mulheres com varas e baldes vazios iam até o poço. A manhã, incendiada pelo sol, derramava-se num mar de ingênua luz rosada, e com aquela luz já ardia Licora, ardia por dentro. A cesta amarrada à sacola sobre o ombro, a velha, envolvida num lenço festivo, parecia tão solene, tão fora do comum, como se fosse para uma romaria. Quando encontrava pessoas, apenas as cumprimentava, mas não se detinha nem contava coisa alguma, para onde ia e por que. Mas as pessoas já sabiam para onde e para quem ela se metia no caminho. Não era esta a primeira vez. No inverno e no verão ia visitar o filho. No inverno e no verão falava sobre ele a todos na aldeia. Duas vezes por ano carregava dentro de si uma luz indizivelmente pura. Alguns voltavam-se e a olhavam pelas costas. Os rostos estavam estranhamente compadecidos.

Sabiam que haveria de passar pela aldeia, depois entraria pelos campos e andaria longo tempo. Quando tivesse sede, pediria água, quando cansasse, sentaria à sombra para repousar. À volta haveria de borboreinhar a colheita, rolariam carroças com

feixes, e as máquinas de malhar de longe estralejavam como galinholas. Assim andaria por muito tempo, até que a estrada empoeirada se tornasse para ela um rio e o sol uma canoa de pinheiro, e assim flutuaria naquela canoa e sentiria calor, e todo seu corpo arderia.

A velha Licora ia até o filho que tombara na guerra.

VALERY CHEWTCHÚK (1939)

Nasceu na cidade de Jytomyr, na família de um trabalhador. Estudou História e Letras na Universidade de Kiev, colaborando no museu histórico e ocupando-se, ao mesmo tempo, de crítica literária.

É um dos melhores prosadores do grupo da sexta década de Kiev, com sutil observação de movimentos psíquicos. Seu estilo tem a delicadeza e o colorido de guaches. Revela em sua prosa uma rica escala de problemas que ocupam os jovens ucranianos, seus contemporâneos.

Coletâneas: NO MEIO DA SEMANA (1967), A TARDE DO OUTONO SAGRADO (1969); romance: RUA BEIRA-RIO, N.º 12 (1969). Um romance inédito, O LOBISHOMEM (1970), caracteriza-se pela estrutura interessante e disciplinada.

MEU PAI RESOLVEU PLANTAR UM POMAR

Valery Chewtchúk

Meu pai coloca a mala no pátio, vai falar com o vizinho, seu amigo, depois vem para casa, mette-se entre as panelas, fareja e ri. Minha mãe enrubesce — em quarenta anos não perdera esse hábito — e inclina a cabeça. Então o pai a pega nos seus braços e gira com ela pela casa. Minha mãe diz: “Deixe, tolo!” — e o pai ri novamente. Mamãe está acostumada com a ordem, com os quartos bem varridos e as camas bem esticadas. O pai detesta a ordem; ele, com estrondo, se deixa cair sobre uma cama cuidadosamente arrumada e joga um dos alvos travesseiros para o canto. Minha mãe já chegou a se acostumar com tal condenação a seu esforço, no entanto ela resmungava de cada vez, falando sobre a ordem, o trabalho dos outros, etc. O pai ri de novo, a mãe não agüenta e ri também. Ela ama muito meu pai, pois quando ele irrompe na sala depois da viagem seguinte, ela começa a se iluminar toda, corre, apressa-se, enrubescendo de leve. O

pai, sem cerimônia, faz uma confusão, da sua mala aparecem objetos de "toilette" masculina (eu não faço barba ainda), que ficam espalhados pelo quarto todo; a mãe em vão se esforça por juntá-los num canto só, e o pai sorri com bondade. Ele possui um fardo maravilhoso, deitado na cama recém-feita, adivinha, sem se enganar, o que está sendo preparado na cozinha, e a mãe diz:

— Amanhã não vai adivinhar.

O pai, no entanto, adivinha também no dia seguinte, a mãe se esforça cada vez mais por variar a comida, eu percebo que nós nos alimentamos melhor. Às vezes, o pai cozinha, ele próprio, cheirando e mexendo. A mãe tenta caçoar, mas a comida dele lhe agrada também. Tal idílio familiar dura até à primavera. Eu estranho que eles não se cansem; afinal, tanto a mim, que imito os hábitos do pai, como à minha mãe, é desagradável ver a desordem permanente, mas, como a mamãe, nada posso fazer. Na primavera, o pai parte para uma nova expedição, a casa torna a ficar silenciosa e arrumada, até um pouco sonolenta, a mãe deixa de enrubescer, pára de rir. Ela, com insistência, cuida de mim, eu saio cada dia de casa incrivelmente esfregado, mas só até à volta de meu pai, quando a harmonia assim recuperada despedaça-se com estrondo e todos começamos a ficar um pouco relaxados e na casa tudo vira de pernas pro ar.

É verdade que neste ano tudo aconteceu de forma um pouco diferente. Meu pai chegou como sempre, como de costume, mas passando pela soleira, não foi logo para as panelas, e só disse:

— Eu resolvi plantar um pomar.

— No asfalto? — riu a mãe.

— Por que no asfalto? — disse o pai. — Recebi um terreno além da cidade.

— O que vai plantar nele?

— Um pomar, — disse o pai e a mãe riu de novo.

— Por que ri?

— Quem vai cuidar do seu pomar?

— Você, — respondeu o pai.

A mãe sacudiu a cabeça:

— É o que você pensa.

Nós fomos com o pai num bonde, e eu o observava atentamente. Apareceram-lhe nesta temporada muitas rugas, e seu cabelo visivelmente tornou-se mais ralo. Como antigamente, ele conversava alegre, mas esta conversa não era mais aquele riacho ininterrupto e poderoso; de vez em quando o pai interrompia e se esquecia do que havia dito antes. Eu senti que o pai se tornava mais velho. Percebi que ele estava cansado.

— Que tal o trabalho? — perguntou-me e reparei, de novo, que antigamente ele não fazia perguntas sobre o trabalho e sobre a escola.

Dizia:

— Espero que seja disciplinado e educado.

A mãe respondia por mim:

— Inteiramente.

O inquérito terminava aí. Mas hoje perguntou:

— Que tal o trabalho?

Respondi, como em geral se responde.

— Vai bem, obrigado.

— Parece que perdemos o contato, — disse.

De novo fiquei espantado.

— Pode ser.

— Você tem uma namorada? — perguntou. Achei graça, e ele notou.

— Você ri, porque todos os pais que querem estabelecer contato com os filhos falam assim?

“Não é tolo”, pensei, e disse:

— Assim é que se fala nas fitas de cinema.

— Infelizmente — respondeu — raramente vou ao cinema.

Descemos do bonde, vagamos muito pelo subúrbio, depois saímos para o campo, e o pai mostrou o lote marcado pelas estacas. Então nós cavamos buracos, o pai contava histórias engraçadas; rimos; era um belo dia de outono, fazia um sol inquieto de outono, o céu estava de um azul enternecido. O pai contava anedotas e olhava de soslaio para o meu lado. Cavava com ardor, gracejava dos meus calos, e eu pensava que num dia tão maravilhoso ele já estava muito sério: sentia-se envelhecer e por isso queria plantar um pomar nesta terra.

Nós enterramos as arvorezinhas frágeis e voltamos à casa.

— Plantaram? — perguntou a mãe.

— Certamente, — respondeu o pai despreocupadamente. Entrou no quarto e alegremente deixou-se cair na cama feita.

— Francamente, Mykola, — disse minha mãe.

— Você está fazendo sopa de cogumelos, — respondeu o pai, rindo. Depois voltou-se para mim e piscou o olho. Pensei, novamente, que no quarto se achava uma pessoa muito séria, que se sentia envelhecer e que decidira plantar um pomar. Apenas agora, evidentemente, este pomar era eu. . .

Fiquei um pouco triste e um tanto invejoso, pois ele se entregara todo a seu trabalho e a minha mãe, e durante tanto tempo não me notara.

— Vamos ao cinema? — disse o pai, de repente.

Olhei para a mãe. Ela estava na cozinha a escutar.

— Vamos todos juntos, — respondi...

Saímos de casa. Tomamos a mãe pelos braços, e ela, erguendo a cabeça, disse:

— Que céu azul faz hoje.

— E você terá que cuidar do pomar, — disse o pai.

— Você pensa, — alegremente respondeu a mãe. — Sempre quer que alguém cuide do seu pomar.

Surpreso olhei para minha mãe. Também ela compreendera o pai. Também ela entendia um homem sério que começava a envelhecer e resolvera plantar um pomar.

O pai contava histórias divertidas. Contava-as maravilhosamente. Rimos, rimos alto, alegres. E depois eu, de novo, fiquei um pouco triste. Compreendi que esta dor era talvez sem razão alguma, mas antes nunca sentira tanta alegria. Em torno havia muita gente, também. O filme era uma comédia. Era boa e fez-nos rir. Pensei: não faz mal, começamos a freqüentar o cinema, não importa que não o tivéssemos freqüentado antes...

Depois encontramos minha pequena. Abandonnei os pais, e ela disse:

— Que belo pai você tem!

— Você acha? — perguntei ansioso.

— Pois digo que sim, — afirmou, e corremos avenida abaixo, onde, no crepúsculo, estava imóvel o rio outonal.

ABRICÓS DE SOL

Valery Chewtchúk

Na tarde enternecida os abricós cheiravam; este era um novo perfume para a moça da grande cidade. Ela colhia as grandes frutas rosadas e as colocava na cesta. Quando mordida um abricó, o suco de um amarelo solar derramava-se em suas mãos; as mãos recendiam, recendiam os lábios e talvez mesmo o próprio ar. O abricó desmanchava-se ternamente na boca e a moça se punha por um instante imóvel: vinha até ela o sol daquele dia, enchia-lhe o corpo com uma força sonora e luminosa, quando se tem vontade de se levantar sobre o dia a dia e pisar no caminho de um mundo mais tentador e estranho. Ela submergia nesse momento: no silêncio, no cheiro de abricós e na calma de uma tarde azul. . . A moça se esticava na pequena escada, para colher no ápice o maior abricó, novamente punha a fruta na boca, escutando docemente como irradiavam suas costas cheias de sol. Murmu-

rava uma cantiga, cantando sua infância, ou antes, a infância passada, e a tarde chegava perto dela, tocando-a de leve. Cantava a filha do rei e sua infância distante, pois aqui, nessa tarde cheia do gosto de abricós, sentindo nas costas o calor do sol, ela se tornava atenta e desprotegida, como uma borboleta que a cada instante deve se levantar e voar para longe.

Além da casa ressoava a voz da avó, conversando com a vizinha, as crianças faziam algazarra, e ela estava a olhar a veste verde escura das árvores que se abria no meio do azul luminoso da tarde, uma quente e branca poeira na rua, a estrada cinza-claro, e a cor dos abricós, a cor de lenços femininos que se amontoavam junto da cerca amarela, há pouco erguida... “O sol, por toda parte!” — pensava a moça.

A vizinha se despediu, a porta cantou atrás dela.

— Belos abricós, — disse a velha.

— Belos abricós, — repetiu a moça e queria cantar novamente. Cantar o sol e a infância, a filha do rei e seu encantamento azul...

A moça carregava a cesta cheia de abricós cheirosos, a velha andava com passo miúdo atrás. Assim já acontecera muitas vezes: ela vinha para cá, reuniam-se os vizinhos (pela rua iam pessoas, levantava-se a poeira, como só à tarde se pode levantar. “Como fumaça”, pensava a moça, “a fumaça de sol”), reuniam-se todos os parentes; à noite, quando as matíolas floriam, abafando com seu cheiro, todos se lembravam de algo, ela também se lembrava. Pois então vinha para cá também seu pai que ela jamais havia visto, e todos lhe davam

lugar, — nesse momento permitiam-se a si mesmos um pouco de ternura, uma vez por ano, — quem podia condená-lo?

Mas hoje, ela ficara só com a avó. A moça zumbia uma canção, sentindo suas costas queimadas pelo dia; o silêncio se tornou denso quando ela se assentou com a avó na soleira e a noitinha acrescentou um pouco mais de tinta azul ao crepúsculo.

— Já estou velha, — disse a avó. — Ainda quando há trabalho a fazer, então me ocupo, e quando não há, fica por isso mesmo... A casa está velha também...

— Velha, — concordou a moça, não tendo a força para cortar a melodia. Continuava a cantar a infância e a filha do rei, pensativa. Os abricós luziam, destilando uma cor macia e amarela, — pareciam arder com um fogo alegre.

— Você já está crescida, — disse a avó. — O casamento também não está além das montanhas...

A moça murmurava a cantiga. “Além das montanhas, além das montanhas”... pensava ela. “Mas onde estariam aquelas montanhas?” Cantarolava já em voz alta seu canto, apesar da velha se calar, encolhendo a cabeça entre os ombros e movendo os lábios sem som, olhando o espaço.

— És a única coisa que sobrou dele, — disse de repente.

A moça não respondeu. Estavam sentadas, escutando como cheirava a matiola. Ela fazia a alma abrandar, a tarde abrandava — sentiam a atmosfera de abricós maduros, a atmosfera de um dia

terminado que aos poucos se transformava no amanhã...

A moça estava deitada na cama, numa dura cama rústica, e não podia adormecer. Pois a melodia da noitinha até então não a tinha abandonado, além disso sentia suas costas queimarem e não conseguia, apertando seus olhos, livrar-se da imagem do sol. Alegre e jovem, ele rolava pelo céu como uma bola, no meio do cheiro composto de abricós e de matíolas. A moça cantarolava ainda e sempre a cantiga sobre a mesma infância que sumia, ainda e sempre sobre a mesma filha do rei e sua dor incompreensível, terna e suave. Olhava as paredes: nelas estavam retratos que ela queria desta vez conhecer melhor, mas a melodia não a deixava e ela continuava a trauteá-la apesar disso não corresponder nem à sua disposição presente, nem a seu desejo. Olhava os retratos, antigos e amarelados; havia somente três, fitava-os muito profundamente, tão profundamente que eles se desmanchavam ao olhar; então pensava sobre o caminho de volta que ia percorrer no dia seguinte. Aqueciam-na os raios do sol nas costas: ela extraíra sua luz do dia de hoje, pensando que, talvez, de fato, estivesse amadurecendo, talvez, na verdade, a vida jovem e cativante já a chamasse para seus caminhos.

Saiu à varanda, ficando banhada de luar puro e prateado. Ficou imóvel de surpresa: o luar se deitava sobre as casas, no caminho pacífico que não mais fumegava, nos pés de abricós. Olhou para cima: a lua estava com a face cheia e tranqüila, como um deus, sua luz monótona era como encantada. Parecia à moça que sentia cada raio clara-

mente distinto, separado do outro, que via uma rede transparente de luz um pouco trêmula. Nessa luz, nessa solene beleza morta, desejava, de repente, chorar, pois este instante se tornara estranhamente prolongado, e nele estava contido tudo no mundo: o sol do dia já passado que ela ainda mantinha nas costas, a melodia da canção que a mantinha cativa ainda, e a lembrança do ser humano que ela nunca chegara a ver.

A avó saiu, elas se assentaram, como antes, na varanda.

— Está abafado em casa — disse a velha vagorosamente. — E eu não durmo, nos últimos tempos...

Elas olhavam a profundidade do pomar iluminado pela lua, e cada uma aceitava este mundo à sua maneira. Talvez fosse mesmo de maneira igual, pois nessa noite se sentiam próximas de modo especial, assim como não se pode descrever com palavras, mas que, como um sussurro, passa pelas folhas das árvores imóveis sob a lua, passa e desaparece, deixando após si somente uma lembrança. Então estavam sentadas sob o luar duas mulheres: a que revivia e a que começava a viver...

— Pena que vais embora amanhã...

— Prometi à mãe — disse a moça, escutando a melodia que se agitava nela...

Ia pela estrada recém-construída, carregando abricós numa cesta pesada. Os abricós recendiam o sol matutino que ela encontrara face a face nesse dia. A friagem do orvalho, o capim e a grama rega-

dos de gotas e caminhos, pelos quais nesse dia ainda ninguém havia andado. A suave cor pastel da madrugada, o acordar da aldeia, o tinir dos baldes de leite, o vapor de leite, o tilintar de sinos. . .

A moça estava de pé, olhos bem abertos, não podendo dominar a melodia que a embalava sem cessar. Em pensamento, ela cantava a canção de uma madrugada leitosa e um coração jovem, sobre a filha do rei e a infância que afinal terminava, e sobre o caminho do pai que principiava hoje. Ia pela estrada, sozinha na estepe inteira, a manhã esquêtando-a com seu calor terno. Era-lhe agradável, apesar de lembrar-lhe o outono, a tristeza iluminada do fim do verão e a sensação de instabilidade, quando a alma se inquieta e deseja respirar com mais amplitude e sentir com mais profundidade. Via diante de si o sol, um sol especial. Não quente e não abrasador, lavado pelos orvalhos, com uma coroa dourada. Ela cantava a filha do rei, pois não podia libertar-se daquela cantiga insistente, embebida numa disposição especial, na qual apareciam lágrimas de felicidade nos olhos, porque as costas tinham de raios bebidos no dia anterior. . .

Ao longe uma lebre corria. Bela e esbelta, ela nadava sem pressa pelo campo. A lebre viu a moça que se imobilizou com sua cesta, mas não correu mais veloz, porém da mesma maneira solene e sem pressa pulava para diante. A moça se contagiou de sua calma, pois isso entrava também na manhã de hoje, os trigais de ouro rolando em frente, luzentes e sussurrantes, já inteiramente maduros, exalando igualmente os raios de sol.

Em volta pairava o silêncio. No horizonte se esculpia a aldeia, onde a mãe passava o veraneio, e a moça pensou, para surpresa sua, que há muito tempo, numa manhã assim, seu pai também carregara para sua mãe os abricós de sol.

VOLODYMYR DROZD (1939)

Nasceu na região de Tchernyghiw. Trabalhou nas redações de vários jornais para a juventude, estudando jornalismo por correspondência, na Universidade de Kiev. Mais tarde tornou-se redator na editora "Escritor Soviético". É casado com a poetisa Iryna Jylenko.

Volodymyr Drozd fala através de signos e mitos. A Natureza, em seus contos, adquire um sentido autônomo, seus elementos tornam-se animados, povoados de seres fantásticos, que se alegram e sofrem a exemplo dos homens. Obras: AMO AS ESTRELAS AZUIS (1962), REBENTOS (1966), O SABE-TUDO (1967), A CATÁSTROFE (1968). O CAVALO BRANCO SUSSURRÃO (1969).

O SOL

Volodymyr Drozd

Parecia-lhe às vezes que estava vivendo na casinha à beira da aldeia, desde que o Velho acendera no céu a primeira vela. Depois, os homens a chamaram de Estrela.

Então, nem o Diabo pode contar aquelas estrelas.

No princípio visitavam-no todas as noites. Batiam na janelinha. A face chifruda aconchegava-se contra a vidraça:

— Amanhã deves levantar o sol. É tua vez...

O Diabo, encolhido no seu canto, calava em resposta. O arauto, para ter a certeza, outra vez fazia tinar a moldura da janela. Depois, o sussurro da grama sob os pés do visitante se distanciava aos poucos.

Com o tempo, deixaram de chamá-lo. De certo o haviam esquecido. O caminho até a janela ficou coberto de sempre-noivas e pés-de-pato. No banco que contornava a casa vicejavam espessas ervas

daninhas. No inverno, os ventos, agradando ao Diabo, construíam em torno da sua morada dunas de neve até a chaminé. Naquela estação, em volta o silêncio reinava, apenas os ratos remexiam timidamente no terreno arado e, às vezes, à meia noite, a Bruxa local pulava no fumeiro — um velho, feiíssimo mulherão. O Diabo não gostava dela. A Bruxa fazia muita algazarra, estalava sem parar palavras estrangeiras ouvidas no Monte Calvo, agitava-se pela casa, rasgando teias de aranha. E através daquele barulho, bulha, vozeario, transparecia um terror negro diante da morte: a velha temia morrer.

Apesar disso, o Diabo não se recusava a jogar cartas com a Bruxa e assim o tempo foi correndo imperceptivelmente. Ele acenava às Nevadas, estas colavam-se às vidraças, segurando nas palmas das mãos pálidas lâmpadas de centelhas. A casa enchia-se de um frio piscar azul-escuro. Distribuindo as cartas, a velha trapaceava sem envergonhar-se, para explorar o dono da casa. A desonestidade da hóspede fazia o Diabo rir, pois que via através das cartas.

O sol se erguia também sem a ajuda dele e era sempre jovem e rosado.

Na verdade o Diabo só o percebia nas horas de insônia. Desde que vivia na casinha, agradavam-lhe os crepúsculos. Deitava-se pela madrugada, logo que ouvia o assovio; eram os diabos da terra toda que voavam para o Leste a fim de levantar o sol. À noitinha, os grilos o acordavam. Abria seus olhos devagarinho: os últimos pássaros de asas vermelhas nadavam fora da casinha. As paredes se apagavam, entristeciam, o fogo se inflava, tornava-se sorum-

bático. Olhava para além da janela: no Oeste ainda chamejava a fornalha, mas não havia quem lhe soprasse as brasas, e o braseiro esfriava, envolvia-se em cinza cor de pombo. Os pássaros vermelhos levantavam-se ao céu, mas suas asas se desmanchavam e se perdiam na imensidão azulada. Logo depois, daquele azul nebuloso surgiam as faces pálidas das pequenas estrelas. As carroças tardias, fazendo um grande círculo em torno da morada do Diabo, voltavam do campo. As velhas camponesas baixavam a voz e se persignavam. “Sol! Sol!” queixavam-se os pardais, empoleirados num salgueiro seco. Os grilos, atrevidos, cantavam louvores à Noite.

— Fora! — exclamava o Diabo para os pardais, e estes esvoaçavam juntos da ramagem em direção à aldeia.

— Calem-se! — mandava aos grilos, e os grilos emudeciam assustados.

Então, o silêncio o envolvia. O Diabo fitava com seus olhos largamente abertos o crepúsculo que vinha rolando do campo — eram ondas leves e cinzentas; o coração do Diabo doía doce, tristemente. O crepúsculo enchia a casa, a lareira e as paredes inundavam-se nele, o Diabo permanecia a sós consigo mesmo. A porta rangia. Fantasmas, os pés descalços, sussurrando, vinham trazendo velas brancas como a meia-lua. O Diabo acenava com sua mão impaciente; os Fantasmas apagavam suas velas e desapareciam. Imperceptivelmente, a caminho da aldeia, o Sono, vestindo uma longa camisa branca, passava junto da morada do Diabo. A casa se abria como a flor rainha-da-noite, as paredes não

mais se punham em frente do salgueiro seco, e através do teto luziam as estrelas ainda pálidas e fracas. O Tempo mal movia suas asas, e depois parava inteiramente, esmorecia.

— Eu vivo... — gemeu docemente o Diabo, e duas lágrimas felizes rolaram dos seus olhos pelas faces, caindo no chão. Dois talos de sabugueiro brotaram da terra naquele lugar, caminharam pelo peitoril e ficaram fincados em frente da janela, como duas sentinelas.

— Eu vivo... — murmurou novamente o Diabo. Eram os instantes mais felizes de sua vida, no limiar entre o dia e a noite.

Então, sentava-se embaixo do salgueiro seco e assoviava, abafando os cantos e a algazarra das moças que vinham voando da aldeia. Os botões das estrelas começavam a desabrochar, e o Diabo os amava, crepusculares. Mais tarde quando as estrelas estivessem inteiramente abertas, nem levantaria seus olhos para vê-las. Os morcegos voavam bem perto da terra, mas sentindo o Diabo, disparavam como setas para o céu.

O Diabo sorria feliz e tranqüilo.

Pela meia noite, o Diabo se apressava para o moinho, para moer um pouco de tabaco. Chamava o Sono. Este punha a mão na testa do moleiro. O diabo deixava a roda girar. Espantando os peixes, resvalava a água na roda. No moinho cheirava à farinha, a ratos, rangiam as mós, trepidava a engrenagem. O Diabo segurava suas mãos embaixo da boca do conduto até que elas se enchiam do pó de tabaco. Então sentava-se na represa, fazendo pender sobre a água seus pés sem calcanhares,

derramava o tabaco no caminho, pegava punhadinhos, cheirava e espirrava em voz alta, deliciado.

A Lua cheia, branca e redonda — uma mó — balançava-se sobre a terra imóvel. As cruces dos túmulos escureciam na beira do rio. Do cemitério, pelo caminho tortuoso da Lua, alguma alma penada, deslizando e tropeçando, puxava para cima um caminhão enorme.

“Afinal de contas, a luz do sol é apenas uma onda traiçoeira, substituída infalivelmente pela Treva”, pensava o Diabo. “Para que arriscar a vida ao levantar no céu aquele espantalho chamejante, se depois de algumas horas ele vai rolar cabisbaixo? Digam, por favor, que razão tem aquilo? E aqueles bobocas esperam criar novamente o mundo! Na verdade, tanto na terra como no céu não se encontra nem migalha de juízo!”...

Traíras, entontecidas pelo tabaco do Diabo, pulavam fora do rio, reluziam contra a Lua como espadas de maus soldados e beliscavam no espelho das águas os reflexos imprecisos das estrelas. Caranguejos esverdeados rastejavam rapidamente na areia branca.

Certa vez foi acordado ao meio do dia. A luz ofuscante chegava em ondas até doer nos olhos. Na soleira estava um homenzinho magro e sofrido, com um chapéu de palha nas mãos.

— Que queres? — bufou o Diabo, mal contendo o mau humor.

— Peço ao senhor Diabo deixar-nos viver aqui como inquilinos. Nossa casa queimou. Todo o sítio pegou fogo, não temos lugar onde ficar. Eu e a

mulher grávida, ao relento. Só nos resta mesmo deitar na cova...

— Acaso sou fazendeiro? — rosnou o Diabo, protegendo-se do sol com a palma da mão peluda. — Procura homens, não te aconselharia a perturbar os diabos, pois vais perder ainda aquilo que te resta.

— Não tenho mais nada, senhor Diabo, — disse o homenzinho, pegando no trinco da porta. — Apenas a mulher. Mas vossa mercê não tem poder sobre ela. É uma alma pura.

— Vai-te embora de onde vieste, — disse sem delicadeza o Diabo. Seria bom chamar qualquer Fantasma e castigar o intruso pela ofensa, no entanto estava com muito sono. Voltou as costas e logo adormeceu.

Acordou com o ribombar do trovão. Sobre a casa algo tossia, estalava, enormes pedras rolavam pela fortaleza do céu. “De novo o Velho está cacarejando”, pensava o Diabo. “De certo, os nossos camaradas o enfureceram. Está empurrando os capetas. Já bebeu demais, talvez...”

A chuva além da janela caía a cântaros. Através do lençol cinzento viam-se duas figuras sob o salgueiro seco. Um homem de chapéu de palha e uma mulher barriguda, com um lenço amarrado na cabeça. A mulher apertava-se contra a árvore, segurando a barriga com as mãos.

Rapidamente, o Diabo fechou os olhos, mas a mulher com suas mãos na barriga saliente permanecia em sua visão. Deixou cair a mão, tocou com seus dedos a terra arredondada como a barriga da mulher. Algo lá dentro pulsava, revirava-se, empinava-se para a luz. “A terra também está grávida”,

pensava o Diabo. “Sempre está grávida. Eles se multiplicam, e o pobre do Diabo tem que rolar o sol para o horizonte, queimando-se como um feixe de palha. . . Mas, quem é tão idiota que se coloca numa tempestade embaixo de um salgueiro seco? O Velho não deixa nenhum fora, acerta logo. . .” Admirado de si mesmo, abriu a janela e berrou de pulmões cheios, superando o gemido do céu e a batida da chuva:

— Hê, fulano! Quem te ensinou a te esconderes durante o temporal debaixo de um salgueiro seco?

— Pois onde é que posso ficar? — respondeu ele e voltou-lhe as costas.

— Então. . . venham para a casa, — disse o Diabo depois de um instante, sem poder despregar seus olhos da barriga da mulher. — Passarão aqui o temporal.

O homem colocou nas costas um embrulho com víveres, a mulher pegou um caldeirão de debaixo do salgueiro, e eles se encaminharam para a entrada da casa. Já estavam dentro, quando o céu se rasgou pela metade com estalo e uma seta de fogo acertou no salgueiro. Os hóspedes do Diabo se persignaram.

— Não se apressem em fazer o sinal da cruz — frio, o Diabo fez uma careta. — Aqui não é igreja.

De repente, o caldeirão escapou das mãos da mulher, batendo contra o chão e rolando até junto do fogão. A mulher segurou seu ventre e sentou na soleira. A dor do parto chicoteou sua face simpática.

—Começou! — gemeu o homenzinho, sustentando a mulher. — Perdoai-nos, senhor Diabo, mas já começou! Catarina! Catarina! . . .

Ele tirou do sacco um casaco tosco, estendendo-o no colchão. Deitou nele a mulher. Então, começou a correr pela casa, sem saber o que fazer. A mulher gemia. “Como esses homens são barulhentos!” O Diabo estava com remorso de se ter apiedado dos flagelados.

— Por que te azafamas, fulano?

Este virou-se assustado:

— Vai dar à luz. Onde vou encontrar uma parteira? Devo aquecer água, mas como? Tudo está ensoado daquela chuvarada.

— Lá no sótão havia outrora alguma palha . . .

— Deus lhe dê saúde, senhor Diabo, — disse o homenzinho e apressou-se para fora do cômodo.

— Dará — o Diabo sorriu só com lábios.

O hóspede botou no fogão o caldeirão com água da chuva e meteu na boca da lareira um punhado de palha. Tirou do bolso uma pederneira e lasca de cerejeira. Batia com a pederneira na pedra, faíscas se espalhavam, mas a lasca encharcada nem pensava em pegar fogo. “Como estes homens são pouco práticos”, pensou o Diabo e chamou para o vestibulo:

— Fantasma, fogo!

Logo o punhado de palha virou chama. Na boca da lareira soltavam reflexos rubros. A mulher gemia. “Que se arranjem.” O Diabo encolheu-se no seu canto, fingindo que estava dormindo. “Que se arranjem. O que tenho eu com isso?”

Não se sabe quanto tempo decorreu. Pode ser que o Diabo tenha cochilado de verdade. Inesperadamente, através do silêncio descolorido, sentiu uma nova sensação; ela o inquietava, perturbava sua alma, como se alguém tivesse deixado abertas as portas da casa e do vestíbulo. Fusos de vento rodopiavam pelo chão, chegavam até o canto e picavam seu corpo. Depois, os fusos se tornavam mais freqüentes e causavam dor. No começo esta apenas incomodava, mas, tornando-se cada vez mais profunda, cortante, parecia que torcia cordas do Diabo. Ele só piscava com suas pálpebras. Já escurecera, sob o fogão cantavam grilos que ninguém soube fazer calar; de supetão um grito nunca ouvido pelo Diabo abafou todos os ruídos da noite. Até os pecadores no fundo do inferno não bramiam assim. O Diabo ficou todo perturbado com aquele brado. Novamente os fusos penetravam-lhe o corpo, botando suas tripas para fora. O Diabo, arranhando o barro com as unhas, rolou pelo chão.

— Fantasma, uma vela... — exalou com dificuldade.

No peitoril da janela, na chaminé, nas prateleiras acenderam-se pequenas chamas. O Diabo reparou na empalidecida face suada e nos lábios mordidos da mulher, no branco dos seus olhos arregalados e nos dedos crispados no cabelo. O homenzinho amassava nas mãos seu chapéu, olhando tristemente o anfitrião:

— Não entendo nada disso, senhor Diabo. Nunca fui parteira. É a primeira vez que ela está parindo...

Nesse momento, os dedos da mulher rastejaram pelo corpo até o alto da barriga arredondada. Naquele gesto lento havia algo de atento e assustador. Sua face se retesou, o corpo se esticou, depois atirou-se para cima, como um peixe na rede, e novamente um grito açoitou as janelas azuis. “Como eles estão parindo com dificuldade, esses homenzinhos. . .” O Diabo acabava-se de dor, pois a mulher que sofria dores estava muito perto. Tinha cometido um grave engano, permitindo aos flagelados passar pela soleira de sua casa. Pois quem deixa entrar na casa, deixa entrar dentro de si. Acaso não era ele a mesma coisa que sua casa? Mas por que tudo isso? Será que eles, coitados, não sabiam que iam morrer, — tanto aqueles que davam a vida, como aqueles que a recebiam?

A mulher se debatia nos braços do marido, até as velas sobre a chaminé se agitavam e recuavam para trás. Novamente algo torcia, despedaçava, esmagava o Diabo, como se fosse ele quem ia dar à luz. Rastejou até a lareira, levantou-se de joelhos. Nesse momento as velas se apagaram, a casa tornou-se bem escura e silenciosa, como se a própria Treva pousasse na soleira. Até a mulher se calou. Ouvia-se somente a chuva pingar do teto de colmo. O Diabo disse algumas palavras na boca da lareira. Depois de um instante, as janelas resplandeceram com uma luz vermelha, algo caiu na chaminé, e no meio da casa surgiu a sombria forma da velha conhecida do Diabo, a Bruxa.

— Você já serviu de parteira? — sussurrou com lábios secos o Diabo.

— Servia, servia, apenas quando era mais moça, Alteza, — abriu sua torneira a Bruxa. — Pensa que sempre fui assim roída? Pois a aldeia toda...

— Pois faça o que for necessário, — cortou o Diabo, acenando em direção ao colchão. — Apenas, sem luxo.

— Ouço e obedeço, Alteza.

De novo as velas se acenderam. Rejuvenescida e mais bondosa de face, a Bruxa aproximou-se da mulher. O Diabo se recolheu ao seu canto. O homenzinho, mandado embora pela Bruxa, ficou espedado junto da soleira. A velha colocou na barriga da mulher sua mão sequinha. A mulher aquietou-se. A velha arregaçou as mangas da blusa. O Diabo olhou com alívio pela janela: a Lua já havia rolado para fora e estava pendendo sobre o moinho. Era o tempo de moer o tabaco. Nesse dia ele nem tinha gozado o crepúsculo. Os hóspedes o tinham perturbado. Que parisse bem depressa e que fossem embora! Que a calma anterior voltasse. Que se reproduzam, que cresçam, que briguem, que morram. A ele bastava essa casinha no limiar da aldeia e os crepúsculos.

Subitamente um brado ainda mais agudo, doloroso e pungente do que todos os outros sacudiu a casa. Parecia que as paredes desabavam; a terra tremeu, e o Diabo se sentiu virado pelo avesso. Serras cegas o dilaceravam pela metade. Sentindo que não era capaz de sofrer mais, que ia berrar logo mais alto do que a mulher, o Diabo pulou e gritou com impaciência: — “Sono! Sono! — e, como cortado, caiu nas mãos salvadoras.

O Sono também o acordou. Parecia ao Diabo que lhe haviam tirado seu casaco quente, sentiu frio.

— A mão ficou dormente, — disse o Sono baixinho. — É uma noite sem fundo. Eu devia estar descansando há muito tempo. Logo vou adormecer-te novamente.

— Não é preciso. — O corpo do Diabo jazia num cansaço agradável, como depois de um atroz combate vitorioso. Na casa tudo estava em paz e tranqüilidade. A mulher respirava levemente sobre o colchão. A mão da Lua repousava no bercinho, pendurado na trave da casa. O Diabo levantou-se e chegou mais perto. No bercinho estava deitado algo envolvido nos farrapos brancos, frágil, com cabecinha alongada e parecida com um caneco, muito engraçado na sua pequenez. Aquilo até respirava silenciosamente, como uma vela.

“Tanto sofrimento por causa desse pedacinho? Como os homens são tolos...” queria pensar o Diabo, como de costume.

No entanto, não pensava como de costume.

“Tempo passageiro, instante, ruga no mar, no entanto está tépido”, — rosnou. “Rebento...”

Depois levantou suas mãos acima do berço, esquentando-se. O corpinho recém-nascido exalava um calor vivo e fresco, semelhante a uma rosa vermelha. Este calor, acariciando as mãos do Diabo, derramava-se por seu corpo todo, derretendo a eterna crosta de gelo da sua alma: algo de novo, desconhecido, estranho fazia-lhe cócegas e o inquietava.

Foi para fora. Como por acaso, olhou para cima — o céu estava limpo e as estrelas estavam formosas, como lírios do rio. Vinham vindo até o Diabo perfumes de urtigas novas, de pés-de-pato, do céu, da água, dos juncos, do sabugueiro. Toda a terra tornava-se sua morada, acordada pela primavera, repleta de seivas, sonolenta e silenciosa, como o brilho da Lua. Pela primeira vez teve vontade de ficar sentado sob o salgueiro seco e assoviar com o vento. Meteu-se através dos sabugueiros ao campo, pisou na terra arada, amolecida pelo primeiro temporal morno. Sentiu como milhares de rebentos, semelhantes ao daquele no berço, irrompiam da crosta da terra para a luz.

“São tantos, e todos almejam o sol”, espantou-se o Diabo. “Todos esperam que de manhã alguém o levante para eles.”

Formigas bravas rastejavam por suas pernas, na profundidade do corpo novamente acordava a dor.

“A terra também sofre, quando dá à luz”, pensava o Diabo. “Mal se pode imaginar aquela dor. No entanto, ela está parindo...”

Através da dor e do sofrimento, sentiu a alegria da terra que paria, a alegria dos rebentos que nasciam, e uma inveja benéfica envolveu seu coração de tristeza.

Voltou para casa. No banco junto da parede externa, o homenzinho tremia, envolto no saco.

— Está bem, aceito vocês como inquilinos, — disse o Diabo surdamente, lançando uma olhadela para o salgueiro, o único que permanecera seco e morto nessa noite de primavera. — Pagarás cada

semana com um punhado de tabaco moído. Só diga a sua mulher que não caie meu canto de branco. . .

— Deus o ajude, senhor Diabo, — falou o homenzinho, levantando-se do banco e inclinando-se profundamente.

— Que Deus. . . — suspirou na entrada o Diabo.

Ele pisava sobre as pontas dos pés, atravessando a casa, para não acordar a criança e a mulher. No berço, no entanto, algo se mexeu de leve. O Diabo acocorou-se no chão e brandamente balançou o berço. Em cima, na trave, silenciosamente rangeram as cordas. A criança se calou e logo adormeceu. O Sono, amenizado pelo trabalho, passou errando por perto.

— A noite é tão comprida, — tornou a queixar-se. Não tenho mais forças. Que chegue a manhã o mais depressa!

E correu, pois foi chamado novamente para qualquer outra parte. O Diabo, encolhendo suas pernas, estava sentado no chão a balançar o berço; havia muito tempo não se sentia tão bem. De repente ouviu um pisar apressado e pesado, seu peito esfriou desagradavelmente, as costas se curvaram. Atrás da janela ouviu-se uma voz:

— Poucos diabos apareceram. Muitos cuidam dos seus recantos. Está na hora de levantar o sol.

O hóspede esperou um pouco pela resposta, depois suspirou e foi adiante. O Diabo se encolheu, temendo mexer-se. Um repentino medo poderoso apertou-lhe a garganta. Parecia rever a tempestade, na qual o Velho atingira seu salgueiro. A criança chorou em voz alta.

— Chô, chô! — levantou-se o Diabo brusca-mente, começando a balançá-la com estranhas mãos enrijecidas. Neste momento, a mulher se ergueu do colchão, olhou o Diabo com seus olhos bem abertos e pegou a criança com duas mãos. O Diabo saiu da casa. Sentiu, de repente, uma grande vontade de cheirar tabaco. Caminhou até o moinho pela estepe coberta de feridas secas — a terra tornava-se visivelmente mais endurecida, mais rija. Uma Lua enfraquecida e pálida apertava-se contra o horizonte. Pelo céu cinzento e frio, em direção ao cemitério, uma sombra puxava com esforço um caminhão. A Leste não havia nem vestígio da luz rosada. O moleiro batia com os pés no chão da sua cabana. O Sono não estava por perto. O Diabo foi ao longo do rio. Além dos juncos, no meio das ramas de bétula, ruidosamente banhavam-se Ninfas. Correram ao encontro do Diabo com suas tranças longas, com coroas de caniço, rodearam-no com pirilampos verdes, perguntando:

— Losna ou salsa?

— Losna, — respondeu sorumbático o Diabo, sentando-se na grama. As Ninfas assustadas pularam na água. Penteavam seus cabelos, brincavam com peixes, agitavam-se no rio. Porém, a cada instante, sua algazarra esmorecia, como as estrelas se apagam pela madrugada.

— É tempo de ir para casa, meninas, — sussurrou algo sobre a água.

— Parece que o sol não vai surgir nunca mais.

— Depressa para o fundo, amigas!

— Está frio, frio, frio!

Passou o sussurro, tudo se aquietou. Restaram apenas rugas escuras na água. Do céu caíam pássaros brancos, piando angustiados, ajuntando-se em grupos nos arbustos ribeirinhos e esfriando, como dunas de neve. Novos rebentos da grama áspera murchavam, caindo sobre a água. Na bétula, uma crosta de gelo tinha já com cristais fininhos. O Diabo voltou devagar para casa. A terra morrendo tristemente, gemia sob seus pés.

“Que pelo menos ainda hoje levantemos o sol no horizonte”, murmurava para si mesmo. “Mas o dia é apenas um instante de vida. Um frágil grãozinho de areia no mar do tempo. Onde está a certeza de que também amanhã vão levantar o sol? Existe apenas um punhado de diabos. Hoje, a metade de nós, ou mais, vai cair morta. Estou pronto a morrer, se o Velho disser: rapazes, levantem o sol ainda uma vez, é para sempre, nunca mais virá a noite, um dia ensolarado vai permanecer eternamente.

Mas o Velho não vai dizer assim. O céu vai calar, como até então. E o Diabo tem que deixar seu recanto tranqüilo e arriscar sua vida, como se esta nada valesse, como se recebesse uma outra em troca...”

O peito do Diabo se apertou de tanta pena de si mesmo.

No meio da escuridão doída, as janelas da casa se esquentavam ao rubro. Em frente da chama estava sentada a jovem mulher com seu filho. O pequenino mamava. Sobre a face lívida da mulher dançava o piscar do fogo. O homem envolvia seus ombros com o casaco tosco. O Diabo meteu-se no

seu canto. Logo a casa principiou a arrefecer, esfriar. O teto, encharcado pela chuva, gelava; as paredes se encolhiam; a estufa crepitava, esmorecendo, os grilos se apagavam; e tudo isso se refletia na alma do Diabo com uma profunda dor surda. Ouviam-se passadas pesadas sob as janelas e a voz angustiada do mensageiro bateu contra as vidraças:

— Há poucos diabos sobrando, não temos força para levantar o sol. Se queres que a noite acabe, vem voando para ajudar. Eu venho pela última vez...

— Não levante a criança tão próximo do fogo, — disse o homem.

— Ela nunca verá o sol, — chorou a jovem mulher, e suas lágrimas rosadas caíram no chão. — Que ao menos sinta o calor...

— De qualquer maneira teria que morrer um dia, — respondeu o homem com tristeza, mal movendo os lábios. — Como nós também.

— Mas nós somos mais felizes, nós vimos o sol. Se o meu filho vivesse ao menos um dia no mundo... Nasceu de noite e tem que morrer de noite... Para que sofri tanto?

O Diabo se levantou — o peito degelava, o corpo se tornava leve como o vento. Passando junto da mulher, disse em voz rude:

— Se eu não voltar, passo a minha casa para teu filho.

A mulher levantou para o Diabo os olhos vermelhos de choro, onde luzia a esperança. A casa também se sacudiu, espantando um sono fraco de agonia. O Diabo passou seus dedos macios pela rugosa, avermelhada face da criança, suspirou de leve

e saiu. Não havia Lua nem estrelas, nem céu — só trevas. Ergueu os braços, assoviou e voou na imensidão escura.

Parecia-lhe que voava uma eternidade, não vendo em frente de si nenhum vestígio de luz. “Terei errado o caminho?” ficou preocupado: havia bem um milênio não pisava além do moinho. Mas eis que no horizonte parecia amadurecer uma romã: era uma estrela vermelho-acinzentada. A romã crescia até se tornar um raio que saltava por detrás do fim da terra e enrubescia um pedaço do céu. Na beira do oceano eterno resvalavam ondas invisíveis. O clamor e o lamento da grande coluna ígnea cobria seu bramido. Logo ficou mais quente. Depois soprou uma efervescência ameaçadora. Um turbilhão ardente estralejou e uivou junto do Diabo. Pelo seu fuso, ele deslisou até a terra. Do precipício, perto do oceano, emanava fogo.

Compreendeu que lá embaixo estava o sol.

Havia muitos diabos em torno — um despropósito. Vivos e mortos. Seus corpos queimados em rubros reflexos tingiam todo o campo em volta do precipício. Uma multidão de capetas, diabos, diabretes e demônios das águas, das chaminés, das florestas e dos pântanos esperneava sem ordem em torno de enormes atizadores e cordas.

— Todos os diabos estão reunidos? — ouviu-se acima da multidão uma voz poderosa.

— Todos, todos! — exclamavam dos lados, provavelmente os arautos.

— Ao serviço, camaradas!

Aquietou-se tudo no campo. Apenas bramia o oceano, batendo com o peito contra a margem de

pedra. Os diabos apanharam, calados, os aticadores e se aproximaram do precipício. Os primeiros logo caíram sob os pés dos companheiros, mas as fileiras que vinham após não reparavam neles: iam ao ataque. Sombras negras se moviam sobre o campo vermelho.

Estranhamente, o Diabo não tinha nem um pouco de receio. Mesmo pensando que os da frente iriam logo cair e ele iria encontrar-se face a face com o sol. Algo poderoso o levantava na sua asa forte e carregava sempre para cima. Daquela altura se via tanto que o peito desfalecia e os olhos derramavam lágrimas de uma alegria até então desconhecida. Ele não procurava razão no sacrifício, não refletia se amanhã alguém iria levantar o sol. Sabia apenas: tinha de levantá-lo hoje, para que o menino que nascera de noite visse a luz. Não importava o que se seguiria.

Finalmente os aticadores tocaram algo de sólido. As fileiras pararam perto das beiras do precipício, onde estava tão quente que as faces pegavam fogo.

— Mais entusiasmo, camaradas! — rolou pela margem, abafando o brado do oceano.

O Diabo pegou com suas duas mãos um aticador e se deitou sobre ele com o peso do seu corpo, sentindo que milhões de seus companheiros faziam o mesmo. Gota a gota expremia de si aquele movimento comunitário: até as raízes, até o último alento; não havia mais dúvidas e tranqüilas alegrias crepusculares, nem ele próprio existia, antigo. Só havia um novo Diabo de milhões de braços. Este, diluía-se inteiramente no seu grupo.

O atizador desceu; algo zuniu, assoviou, borbo-
rinhou sob a terra. De repente, uma esfera cor de
framboeza, com um véu azul de loios, emergiu do
precipício. O oceano assustado exalou vapores e se
afastou desnudando seu fundo, e filas de diabos
caíram cortadas pelas línguas de fogo, como grama
pela foice. O sol parou e balançou bem acima da
terra, pronto para cair a cada instante de volta ao
abismo.

— Está caindo! Segura! — clamou o Diabo,
não reconhecendo a própria voz: tão poderosa e
apaixonada ela lhe parecia.

Apertou mais firme o cabo do atizador; no cam-
po se levantaram todos os que tinham ainda forças
de se erguer. Agora o Diabo andava na frente. A
cada passo, a esfera ígnea tornava-se mais abrasa-
dora. E quando suas mãos queriam abrir-se e suas
pernas fraquejar, ele pensava na jovem mulher que
tivera um parto tão difícil à noite... “Há um sen-
tido em tudo — gerar e levantar o sol. Brigas, lutas,
a sujeira de cada dia, mas há um sentido. A
vida...”

O corpo queimava lentamente, não havia limi-
tes para a dor.

Milhares de atizadores se ergueram, sustenta-
ram a esfera que exalava fogo e lançaram-na para
o alto. O sol excitado, semeando o litoral com res-
pingos de fogo, rolou leve pelo horizonte.

A terra tremeu feliz, como no amor.

O Diabo estava deitado sobre os corpos quei-
mados — morria. Sabia que chegava seu fim, sen-
tia a terra gota a gota sugar suas forças. Os diabos

que permaneceram vivos corriam para a água. Tomavam-na às mãos cheias e jogavam-na atrás de si; de cada respingo nascia um novo capeta. Havia-os já inúmeros na margem. “E eu, cabeça de vento, pensava que amanhã não haveria ninguém mais para levantar o sol”, pensava o Diabo. “O Velho sabia o seu ofício quando criava o mundo”.

E ele arrastou seu negro corpo que se carbonizava pela areia alaranjada até ao oceano...

Í N D I C E

Adonias Filho	
PREFÁCIO	5
Eaghor Kostetzky	
VALERY E AS MANCHAS BRANCAS	9
Wira Wowk	
O MILAGRE DA NEVE	13
TURANDOT	18
Román Ivanytchúk	
O LENÇO	25
Emma Andiewska	
O TEMÔMETRO	31
A FILHA DOS VIZINHOS	36
Ghryghír Tiutiunnyk	
PENEIRA, PENEIRA...	45
Yury Tarnawsky	
ESOPO (Fábula)	57
PARÁBOLA DO PUBLICANO E DO FARISEU	60
RÔMULO E REMO (Paramito)	62
Yewghén Kontsevytch	
ESPERANDO VISITA	67
Vassyl Symonenko	
GALOS BORDADOS NAS TOALHAS CANTAVAM	77

AS BODAS DE OPANÁS KROKVA	82
Vassyl Zakhartchenko	
☪CHEIRO DE BÉTULA	87
Yewghén Ghútsalo	
LICORA	95
Valery Chewtchúk	
MEU PAI RESOLVEU PLANTAR UM POMAR	107
ABRICÓS DE SOL	113
Volodymyr Drozd	
☉ SOL	123

**Composto e impresso nas Oficinas da
Companhia Brasileira de Artes Gráficas
Rua Riachuelo, 128 — Rio, GB.**

No.

1/98